

## EDITORIAL

Neste número do Periódico, apresentamos a transcrição das palestras proferidas durante o Seminário de início do ano letivo de 2010, de 25 a 28 de janeiro, no auditório cedido pela Escola Waldorf Rudolf Steiner.

Participaram desse evento além de professores do Ensino Médio, Ensino Fundamental e Educação Infantil, os médicos, psicólogos e terapeutas ligados à área pedagógica, somando mais de 500 participantes.

Dennis Klocek é artista, cientista, professor, pesquisador, jardineiro e alquimista. Desde 1992 é diretor do Programa de “Estudos Goetheanos” no Rudolf Steiner College em Sacramento.

O Tema desenvolvido foi: ***A prática da pedagogia da Ciência Espiritual no Séc. XXI.***

A transcrição dessas palestras tornou-se um trabalho moroso na busca da integralidade dos conteúdos.

Nesse evento, os colegas do Grupo de Ciências Waldorf prepararam os workshops oferecidos aos colegas interessados, dentro da programação do Seminário. Esse grupo se formou a partir do trabalho com Sr. von Mackensen, realizado no início de 2009, acerca da prática pedagógica no desenvolvimento da capacidade de julgar, indicado por R. Steiner no GA 302. A metodologia foi aprimorada pelo grupo e nessas oficinas de trabalho foi possível apresentar essa prática pedagógica a um grande número de pessoas, atingindo assim o seu objetivo.

Gostaríamos igualmente, e desde já, de chamar a atenção ao próximo grande evento:

### **III Congresso Brasil de Pedagogia Waldorf**

Data: 17 a 22 de julho de 2011

Local: Escola Waldorf Viver de Bauru

Palestrante: Dra. Michaela Gloeckler

Tema: **Ciências – Arte – Religião**

O evento busca proporcionar aos participantes, cada vez mais, a compreensão do ser humano na sua integralidade, nos três níveis, Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Ao mesmo tempo, aprofundar o conhecimento antropológico por meio da fundamentação e justificação dos meios e dos procedimentos com que se atua no ensino da pedagogia Waldorf. A divulgação específica da programação e ficha de inscrição seguirão em breve.

*Pela Coordenação  
Eleonore Pollklaesner*

# SEMINÁRIO DE INICIO DO ANO LETIVO DE 2010

*Palestrante Dennis Klocek*

Dennis Klocek é artista, cientista, professor,  
pesquisador, jardineiro e alquimista.  
Desde 1992 e diretor do Programa de “Estudos Goetheanos”  
no Rudolf Steiner College in Sacramento

## ■ Dia 25/01/10

### A pergunta mais importante do professor

Se perguntarmos a um professor qual é a ferramenta mais importante para a sua profissão, ele nos dirá que é o plano de aula; outros dirão que é o café da manhã, e podemos dizer que estes são instrumentos muito úteis a nós, pois trarão energia e suporte à arte de educar. Mas a ferramenta que realmente nos dá maior força e energia para a arte de educar é a intuição – uma ferramenta que não nos é dada, mas que devemos conquistar.

A intuição se desenvolve em nós a partir de um trabalho relacionado à imaginação. Rudolf Steiner chama esse trabalho de autodesenvolvimento da imaginação, levando à possibilidade de criação de imagens vivas. Se somos professores e queremos nos presentear, tornando nossa vida muito mais fácil, então é útil que invistamos tempo no desenvolvimento de nossa imaginação, da habilidade de imaginar da forma correta, da forma exata de imaginar. Quanto mais investirmos nessa tarefa mais traremos sobrevida à nossa imaginação. Assim, podemos preparar planos de aula utilizando a metade do tempo que normalmente utilizaríamos. Porém, o mais importante é que o treino da imaginação leve o professor a olhar para dentro dos seus alunos, das crianças e dos pais aos quais você está servindo. Para realizar nosso trabalho é absolutamente necessário que se possa enxergar dentro dos outros. É muito difícil tomar uma decisão como professor sem que se esteja vivendo dentro da outra pessoa. Sem estar dentro do outro, acabamos por tomar decisões a partir do que pensamos estar

correto. Se quisermos tomar boas decisões é necessário que estejamos livres de tudo aquilo que pensamos, porque o que pensamos se coloca no caminho daquilo que tem de acontecer. É claro que devemos planejar e para isso precisamos pensar. Há um velho ditado para professores: Você prepara 150% e você emprega 75%; os outros 25% são a verdadeira aula, pois os 25% acontecem na interação entre você e o aluno. Os 75% que são deixados de lado são sementes para a próxima aula. Aí você prepara de novo os 150%. Esses 25% requerem de nós o que Rudolf Steiner chama de ‘acordar dentro do outro’.

## **A palavra chave é imaginação**

Há uma maneira chave, bem precisa para descrever isso. É impossível acordar dentro do outro com uma idéia. Nós só podemos acordar dentro do outro com uma imagem. Dificilmente, ou não frequentemente, Rudolf Steiner usa a palavra impossível. Mas nesse caso ele diz que é impossível acordarmos dentro do outro com um conceito ou uma idéia. Isso porque quando formamos uma idéia, estamos trazendo uma conclusão; então, quando mantemos na alma a aula conforme o que planejamos é como se estivéssemos fechados dentro de algo já concluído. A conclusão impede o outro de entrar na minha aula. Precisamos permitir ao outro entrar na nossa aula, estar dentro do nosso trabalho; de outra forma, precisaremos sempre tentar lembrar o que foi planejado. É por isso que ficamos exaustos, pois o tempo todo temos de lembrar o que foi planejado. Sentimos como se carregássemos uma pedra pesada ao topo da montanha todas as vezes que temos de nos lembrar disso ou daquilo, e isso acaba por gerar um desgaste enorme das forças vitais. Então, se queremos nos curar desse estresse gerado pelo desgaste das forças vitais, a palavra chave é imaginação. E a imaginação é a porta para a intuição. E se queremos abrir a porta precisamos treinar a imaginação. Treinamos a imaginação trabalhando com imagens dentro da própria alma.

## **Olhar para dentro do outro**

Precisamos fazer uma distinção entre imaginação e fantasia. A fantasia é quando as imagens afloram a partir de dentro de nós mesmos. Imaginação é quando permitimos ao mundo criar as imagens dentro de nós, quando permitimos ao mundo falar conosco, dessa forma possibilitamos a criação de uma imagem interna que está em harmonia com o mundo. E a minha alma respira entre eu e o mundo. Essa respiração permite às minhas forças vitais ficarem intactas. Isso é a respiração da alma, o que é muito saudável. Isso nos dará su-

porte em situações muito difíceis na vida de professor. Mas isso não acontece automaticamente. Porque o que acontece automaticamente é fantasia. Então, fantasia é quando tenho uma experiência sensorial e imagens automaticamente. E para alcançar a fantasia, precisamos treinar a nós mesmos. Uma chave é o grande exercício que Rudolf Steiner dá, ele o chama de “o grande exercício do carma”: – olhar para dentro do outro –.

### **Primeiro exercício:**

No nosso trabalho de hoje escolhemos algumas imagens de Rembrandt (cópias são entregues aos ouvintes).

De acordo com a lenda urbana, estas são imagens de Cristiano Rosacruz. Ninguém sabe com certeza, dizem que é uma lenda urbana do escritor polonês Konscher Göschwiler? e que o homem com o elmo dourado é uma imagem de Cristiano Rasacruz. Se olharmos a biografia de Rembrandt, podemos enxergar alguns impulsos e motivos que direcionam a sua vida. O grande sofrimento aparece como impulso na vida de Rembrandt. Ele consegue superar o sofrimento ao observar o interior das pessoas. E no grande exercício do carma proposto por Rudolf Steiner podemos exercitar isso. Esse é o objetivo de Rudolf Steiner: olhar dentro das pessoas. Então escolhi as imagens de Rembrandt para perceber como se dá a imaginação, que nos leva à intuição.

No caminho que percorremos da imaginação para a intuição é necessário que busquemos esse propósito de vida. Esse propósito, esse motivo também pode ser chamado de um gesto. Para treinarmos o gesto temos de observar o trabalho de outra pessoa, não podemos treinar sozinhos. Assim, para praticar esse exercício vamos escolher um parceiro. Escolham de preferência o parceiro que está ao seu lado.

O seu parceiro está aí para enxergar o que você não pode enxergar por si próprio. Esta é a parte mais importante de todas. Pode ser que se consiga sozinho. Quando começamos a fazer por nós mesmos, as pessoas que convivem conosco ajudarão a enxergar o que sozinhos não conseguimos ver. Isso é chamado de iniciação.

Então, quando o mundo começa a falar o que devemos fazer, é o anjo que começa a falar para nós. Isso é intuição. Podemos pegar os aspectos difíceis da vida e transformá-los em ouro, isso nós chamamos de alquimia social. O nosso parceiro social hoje é o nosso parceiro de trabalho, de alquimia. O nosso parceiro de trabalho checa a realidade da nossa imaginação.

Há um processo que nós vamos seguir em toda a nossa conferência. É uma coisa que você pode levar e praticar por você próprio.

Esse processo tem quatro passos:

### ***O primeiro passo - observar.***

A palavra “observar”, na língua inglesa (e na língua portuguesa também), tem embutido o verbo “servir”. Ao observar, portanto, a minha alma serve a alguém ou tentamos fazer com que a nossa alma se disponha a servir. Nós nos rendemos àquilo que observamos na vida interior da alma e para nos rendermos precisamos parar de pensar sobre aquilo; temos de entrar em um processo de pensar com aquilo. Quando checamos se estamos pensando em ou se estamos pensando com, daí estamos no segundo passo.

### ***O segundo passo - representação.***

Na representação, nós representamos novamente para nós mesmos aquilo que vemos. Apresentamos aquela imagem para nós, para dentro de nossa mente. Quando, então, trazemos essa imagem para dentro de nossa mente, temos observação com representação. Uma vez que essa imagem internalizou-se, precisamos saber se aquilo que imaginamos, se essa imagem que estava fora e agora foi internalizada é essencial ou não.

A chave para essa descoberta está dentro do coração. Precisamos colocar o coração como um lugar para pensar sobre. Isso nos leva ao terceiro passo.

### ***O terceiro passo - silêncio.***

Nós observamos, pegamos a imagem e a representamos internamente, e ficamos com ela dentro de nós, em silêncio. É necessário que nós realmente trabalhemos com o silêncio. Na vida diária, nós estamos acostumados a observar, representar e imediatamente formar um conceito. Chegamos a uma conclusão: é isso o que fazemos diariamente e é isso o que nos inibe, nos impede de entrar no outro.

Nós precisamos treinar essa prática de manter no silêncio a representação que fizemos. O mundo inteiro, hoje em dia, conspira contra essa prática; pois temos de achar uma resposta imediatamente: responder, sem silêncio, sem pausa. Isso cria dentro do ser humano a tensão, o estresse. Isso nos priva de uma vida interior. Só há estímulo e resposta, ou seja, só há uma consciência reativa, que apenas reage, ao invés de uma consciência criativa.

Eu costumo chamar isso de cardápio. Na consciência “de cardápio”, só escolhemos o que é permitido escolher, o que está no cardápio. Alguém faz o cardápio e nós nos consideramos pessoas livres nas tomadas de decisões...

dentro do cardápio! Mas se decidimos por algo que não está no cardápio, o que temos de resposta é “desculpe, nós não podemos permitir”.

Todo o nosso mundo segue na direção que o cardápio sugere. Se não temos o cardápio correto, não somos jogadores, ou não fazemos parte do jogo. Isso é muito antissocial e anticriativo.

Quando treinamos nessa prática proposta, estamos treinando para ser mais criativos. A chave para a criatividade é o silêncio consciente.

### ***O quarto passo - recordar, o gravar.***

Então, trazemos de volta tudo aquilo que vem a partir do silêncio. Pode ser uma palavra, uma imagem que nos venha durante o momento do silêncio, pode ser qualquer coisa; nós simplesmente recordamos, gravamos isso. Não importa se o que recordamos ou gravamos é muito preciso ou não, porque na verdade repetiremos esse processo novamente, e novamente, várias vezes. Toda vez que repetimos esse processo e entramos no silêncio, permitimos que os seres do mundo espiritual entrem e corrijam a nossa imaginação. É a essência do processo artístico: pequenas correções, e pequenas correções, e pequenas correções. Talvez eventualmente acontecerá uma grande correção, que vem do mundo em nossa direção, isso pode ser tanto um desastre como uma grande alegria. E para um estudante esotérico, que transforma o difícil em ouro, ambos são a mesma coisa. Eles aprendem a transformar desastres em grandes alegrias. É isso o que nos liberta do estresse.

Então temos:

- *Observação*
- *Representação*
- *Silêncio* e depois o
- *Recordar*

O que recordamos e gravamos não é uma resposta, é uma pergunta. E se tratarmos o que veio em nossa direção como uma pergunta, então estaremos no caminho de desenvolver a imaginação. E esse será o processo que usaremos nos quatro dias em que estaremos juntos aqui.

1. Para começar eu peço que vocês se virem para um dos seus parceiros e escolham um dos três homens que estão nessa imagem de cima e conversem sobre ele. Vocês decidirão juntos com qual dos três trabalharão.

2. Eu gostaria que refletissem sobre os sentimentos que afloram. Pensem na conversa que tiveram com o parceiro e como já tomaram e formaram algumas

decisões. Reparem como já existem sentimentos em relação ao parceiro, ou seja, esses sentimentos já são respostas que o coração está dando ao tom do parceiro.

3. Esse tom do parceiro é material bruto, matéria prima do trabalho do professor. Isso nos permite perceber se a aula que preparamos é apropriada ou não. Estamos numa situação em que preparamos a aula e percebemos que o tom não está correto, e é isso o que nos leva ao estresse. Então você tenta fazer outras coisas, trazer outros elementos para conseguir sintonizar com o tom. Isso não é um grande problema com as crianças, mas é um enorme problema com os pais. Porque temos de conhecer as crianças e saber o tom do nosso encontro com elas. Porém, por meio da criança nós começamos a entrar no tom da família. Isso faz com que os pais fiquem vulneráveis ao que estamos vendo, por isso, quando vêm até nós já estão na posição de defesa, e isso gera mais estresse.

A imaginação que temos e que usamos para interagir com alguém é a base que podemos chamar de imaginação moral. O que é apropriado para essa situação é o grande exercício do carma, dado por Rudolf Steiner. No exercício do carma, fazemos o processo que acabamos de mencionar. Olhamos para a vontade, para os sentimentos e para os pensamentos da outra pessoa e fazemos isso de maneira sistemática. E isso é o que vamos fazer, agora, com essas imagens; vamos explorar olhando qual é o impulso da vontade, o querer dessa imagem.

Vamos observar isso imaginativamente. Vamos começar a imaginar, por exemplo, se essa pessoa estivesse falando: como estaria movendo as suas mãos?

A maneira, a forma como a pessoa move as suas mãos enquanto fala nos revela como o coração está percebendo a situação, revela a reação do coração. Entrei primeiramente em contato com isso por meio de um amigo: ele é um homem muito brilhante; quando fala em público, segura as mãos como se quisesse prender alguma coisa nelas. Cada vez que ele coloca um assunto, faz esse movimento (um gesto de agarrar). Eu me pergunto – o que ele quer dizer com as suas mãos? Como ele está expressando o que seu coração deseja expressar? Eu mantive essa pergunta por muitos anos. Ele é uma pessoa muito querida e carinhosa. E um dia eu soube que ele estava no hospital. Eu descobri que ele tinha um problema congênito no coração e o problema era que uma das válvulas não fechava apropriadamente. O sangue constantemente escapava da válvula. Cada vez que falava, fazia esse gesto de agarrar. Ele teve que fazer a operação e, depois dela, parou de fazer os mencionados gestos quando falava. Então, quando as pessoas falam, principalmente quando elas movem as suas mãos ao falar, isso tem a ver com seu coração.

4. Assim, começaremos nosso trabalho imaginando como a pessoa escolhida moverá as mãos ao falar. Fará este, aquele ou aquele outro gesto?(mostra os diferentes gestos). Observem a face, sua postura corporal, então representem a imagem para si mesmos e tentem imaginar essa pessoa falando. Tentem



imaginar como essa pessoa estaria falando e como usaria suas mãos. Deixem isso no silêncio e escrevam algumas palavras. Esse é nosso primeiro exercício.

– Todo mundo OK?

– Pronto? – dois minutos. Agora nós já temos o resultado de um experimento do pensamento.

Observamos – representamos – colocamos em movimento – deixemos o silêncio chegar.

Então agora vocês trouxeram algo para o papel e gravaram.

Isso naturalmente nos traz o sentimento de que entendemos alguma coisa. Agora vamos usar o nosso parceiro para checar se o nosso sentimento está correto. Sem falar, você mostra as palavras que escreveu e ele mostra para você o que ele escreveu. Sem falar, ninguém fala. Agora, eu gostaria que vocês ouvissem os seus próprios sentimentos. Percebam que existe certa qualidade que está presente dentro de vocês.

Esse clima nós podemos de fato dizer que é aquele que existe dentro da reunião de professores. Esse clima é: sabemos a resposta; e, embora tenhamos diferentes respostas, elas são similares. O que fazer então? O trabalho que fizemos com o parceiro – esse trabalho de checar que nós acabamos de fazer – é muito importante. Então, o nosso primeiro passo para trabalhar com a vontade do outro é olhar o gesto. Especialmente o gesto da vontade. A primeira coisa que podemos observar é como essa pessoa vai se posicionar quando fala; ela vai se posicionar com os pés juntos quando fala? Ou ela coloca as mãos atrás; ou fica na posição ‘Cow-boy’ e fala com você a partir dessa posição? Ou então vai usar uma postura de intelectual; ou essa postura de ‘estou com medo de você’? Isso é a vontade expressando-se no corpo. Isso também é uma forma de ver o gestual. Podemos nos perguntar: Como essa pessoa vai encontrar o meu olhar? Ele vai tentar colocar a força dos olhos dele para me colocar para trás, ele vai posicionar os olhos dele como um veadinho na floresta, ou ele vai olhar para o chão quando falar comigo? Ou de um lado para o outro? Isso é a vontade nos olhos. Tudo isso pode ser utilizado para explorar a vontade do outro. Quando estamos numa batalha com alguém é muito útil que exploremos a vontade dessa pessoa e então a trazemos para nós, para que viva dentro de nós, a fim de que possamos começar a entender porquê estamos nessa batalha; porque de outra forma só ficamos reclamando. A partir daí, os outros também vão reclamar e a batalha vai continuando. Se temos um pai ou uma família com a qual estamos lidando, então, muito freqüentemente, estamos lidando com uma situação de carma. Rudolf Steiner nos dá esse exercício como uma forma de explorar o carma que vive nessas relações.

Gostaria que agora explorássemos como a pessoa escolhida move os seus olhos quando fala conosco.

Vamos agora dar os quatro passos: observar – formar uma imagem interior – levar para o silêncio – e depois colocar no papel algumas palavras do que vêm para nós. Como é que essa pessoa fica de pé e olha para você? Como ela encontra você através do olhar? Como é esse encontro através do olhar?

Pronto – esse é o primeiro nível do exercício do carma. Formar uma imagem do impulso da vontade do outro e deixá-la dissolver.

5. Agora vamos para o âmbito do sentir – do sentimento. Existe uma chave para entender a vida dos sentimentos, na verdade existem duas boas chaves. Rudolf Steiner diz: - qual sentimento que faz você sair da cama de manhã? Que força é essa que coloca você no mundo toda manhã? É muito útil questionar a si mesmo. E se você precisa trabalhar com os sentimentos de outras pessoas, essa pergunta lhe trará a capacidade de enxergar esses sentimentos dentro de você. Que sentimentos essas pessoas trazem para o mundo? Os sentimentos que elas trazem toda manhã para o mundo têm a ver com as imagens com as quais elas vivem com o mundo espiritual à noite, com a vivência da noite. Imaginar quais os sentimentos de outra pessoa ao acordar nos dá profundo sentimento de simpatia, nos dá a idéia de como ela vive a vida dela. Isso então é uma imaginação.

A segunda grande chave para trabalhar com os sentimentos é buscar o que é que a outra pessoa deseja. O que é que ela sente se o desejo que ela tem é tirado dela? Se ela deseja algo e é impossibilitado de tê-lo, como ela vai se sentir? Ela vai ficar brava? Ele vai ficar triste? Ele vai querer vingança? Vai dar um empurrão, pegar um barco ou querer pegar um pára-quadras? Isso são as formas com as quais as pessoas expressam seus sentimentos no mundo. Se a essa pessoa não for dada a oportunidade de ter o que ela deseja, como ela vai se sentir?

Conectado a isso temos de pensar também: e se ela conseguir exatamente o que ela deseja? Como ela se sentiria conseguindo isso?

Eu tinha um amigo e eu sabia que ele tinha um problema com álcool. Quando ele estava terminando a sexta cerveja, ele estava preocupado com a sexta cerveja de amanhã. Ele tinha consciência, ali, que nenhum montante de cerveja seria o suficiente para satisfazê-lo. Então, vivia com isso: ele satisfazia seu desejo, mas sempre precisava satisfazê-lo novamente. Esse é um sentimento de que você nunca consegue chegar ao que você quer. E eu vivenciando o que a outra pessoa está passando, como no caso de João e sua família de origem. Isso vai fazer com que seja muito difícil de lidar com ele de uma maneira criativa porque se sente que já se conhece os sentimentos dele; e você não quer sentir aquilo; e eu não quero sentir isso sobre os seus sentimentos; isso então ocorre mais e mais, sem parar, num processo contínuo.

Lidar com os sentimentos é como nadar em águas muito profundas.

Eu agora quero que vocês olhem para a imagem que escolheram e se perguntem o que essa pessoa sente ao acordar de manhã, o que sente e o que não

sente ao ter os seus desejos atendidos. Observem, fechem os olhos, representem, levem ao silêncio e depois escrevam alguma coisa.

Agora conversem com o seu parceiro e comparem aquilo que acharam em comum nessa observação. Não observem aquilo que não têm em comum na observação. Tentem achar o que vocês têm em comum nas suas anotações. (Três minutos para isso). Vocês acabaram de ter uma grande aventura dentro da alma da outra pessoa. O método que estou usando é aquele em que os dois tiveram algo em comum. Mas que tiveram independentemente, quando tem de chegar juntos. A grande chave para isso é aprender a ver o que se tem em comum um com o outro. Se olharmos apenas para aquelas coisas nas quais somos diferentes, então temos de dar um passo mais profundo. Vocês podem ter a experiência que tiveram sem necessariamente ter algo em comum com o seu parceiro.

6. Nós ainda temos de falar de um nível na alma, o pensar. Já falamos da vontade, dos sentimentos, agora vamos olhar para o pensar. É no pensar que nós vamos ver as grandes diferenças. É por isso que o guardei para o último lugar, hoje. Às vezes é muito difícil achar algo em comum no pensar. Eu agora queria que vocês olhassem para a imagem e buscassem o pensar daquela pessoa. Uma boa forma de imaginar isso é imaginar se o pensamento dessa pessoa é algo geométrico. Ou então que esse pensar é como um rabisco.

Quando estamos ao telefone, com papel e lápis, fazemos aquele rabisco de formas geométricas. Muitas pessoas fazem espaguete, outras fazem estrela ou qualquer coisa. Estes pequenos rabiscos são imagens de como vive o pensar nessa pessoa. É espaguete ou é geometria?(desenha na lousa). A pergunta é: como essa pessoa forma os seus pensamentos? Ele fez batucadas dessa forma: tuc, tuc, tuc; ou dessa outra: pqrs,pqrs,pqrs? É muito difícil expressar isso em palavras, na língua inglesa. Essa forma (fez na lousa um rabisco que se faz ao telefonar) ajuda muito a imaginar. Esse rabisco feito quase inconscientemente é a forma como as pessoas usam seu pensar quando estão se comunicando com outros.

Vamos supor: há pessoas que começam a falar e vão até o final. Daí perguntamos, “com licença, eu não entendi isso”, então ela começa tudo de novo e vai até o fim; e fala exatamente a mesma coisa que ela falou da outra vez. Podemos comparar esse tipo de pensar com o de outra pessoa que, a partir da frase “com licença, eu não entendi isso” ela vai até Plutão, até o mercado, conta onde foi pela manhã, fala da operação que ela fez no mês passado e então resvala naquilo que você perguntou e acaba dizendo: “O que é que eu estava falando mesmo?”

Esse é o gesto no pensar, na forma de pensar. É muito importante para nós que formemos uma imagem desse gesto. Façamos uma imagem de como o parceiro pensa. Talvez um pequeno rabisco; coloquem uma imagem nesse rabisco, no silêncio. Coloquem movimento no silêncio e depois desenhem esse

rabisco, e por fim mostrem para o seu colega para dividirem essa experiência. Um mostra para o outro a imagem que fizeram do pensar um do outro.

É isso que nós podemos chamar de pesquisa do carma. Essa pesquisa do carma que estamos fazendo é com o parceiro, mas o treino é com as imagens. Se quisermos nos dar um grande presente – aquela ferramenta que vai tirar o estresse da vida do professor – devemos exercitar esse tipo de imaginação. Feita todos os dias, constrói em nós a habilidade de olhar dentro do outro, de acordar dentro do outro e de perceber como é viver aquela vida do outro. Talvez uma criança ou um pai da sua classe venham em sua direção para resolver um problema de carma. Então, na primeira vez que encontramos aquela pessoa há certa tensão. Eu tenho viajado por todos os lugares e todos os professores, não importa em qual cultura estejam inseridos, falam a mesma coisa: eles dizem que os pais que entram nas escolas atualmente trazem diferentes valores.

Na minha geração, os pais que escolhiam a educação Waldorf sabiam do grande ideal e do grande significado que a Pedagogia Waldorf trazia para o mundo. Eu represento o fim dessa geração e a geração que está chegando não traz mais os ideais dessa forma. Eu conheço muitos professores e administradores e eles todos dizem a mesma coisa: as famílias que chegam não trabalham dentro de um ideal global, mundial. Não trabalham com a idéia de que a educação Waldorf é prática, mas sim, desejam que o filho tenha sucesso e se realizem nessa vida. Esse é o foco da geração atual de pais. Na minha geração, não era esse o sentido. Era o pensamento de que a pedagogia Waldorf tem de estar aqui para preencher o ideal do mundo, o ideal da humanidade. Isso, claro, provoca um estresse muito claro nos professores e nos administradores Waldorf. Isso não é ruim ou um mal, mas é exatamente o que está acontecendo.

Então, como professores, temos de buscar como encontrar um estado de paz interior, de paz mental, para lidar com o que está aí, com o que é colocado para nós dentro das nossas escolas. É preciso uma sensibilidade de que você está trazendo as questões para as crianças e para as famílias da melhor maneira que você pode trazê-las. E amanhã daremos mais um passo no nosso trabalho. (Fim da 1o palestra)

## ■ Respostas às perguntas

A maioria das perguntas relaciona-se a uma só questão, pois a maioria delas se refere à diferença da consciência da criança e a consciência do adulto.

Fantasia significa que há alguma coisa dentro de mim que cria imagens.

Imaginação significa que eu mesmo controlo a imagem que se forma em mim, de modo que existem processos respiratórios na imaginação.

O mundo se revela em imagem. Essas imagens penetram em mim através das experiências dos meus sentidos. Essas imagens se elevam em mim novamente como memória. Se eu tenho cinco anos, esse é o conteúdo da minha consciência.

Mas se eu tenho 18 anos esse já não deveria ser o conteúdo da minha consciência. Temos de ser capazes de completar a imagem que surge em nós. A habilidade de aprender, a capacidade de transformar as imagens interiores, isso é educação. E é esse o trabalho que nós fizemos. Preciso ter clareza em mim da fantasia que era apropriada aos anos inferiores, ela só será minha pessoalmente na medida em que eu a transforme interiormente.

O professor de jardim tem de fazer uma grande diferenciação entre a fantasia do aluno e a imaginação do professor. Isso se torna ainda mais perceptível na escola. No Ensino Médio essa separação é absoluta. No Ensino Médio, se o aluno suspeitar que o professor ensina a partir da fantasia, haverá problema. Ao mesmo tempo, se o professor de jardim de infância não trabalhar com fantasia também haverá problema. Isso é uma questão muito importante. (Especialmente quanto àquelas reuniões onde é tratado com quem fica o dinheiro. Porque a escola tem certas necessidades). Os professores só falarão a partir de suas experiências pessoais. Está correto. Mas cada um deles precisa reconhecer que a sua experiência com as crianças não é universal. Poder-se-ia dizer que a grande tarefa do professor, no nível intermediário, é perceber a mudança de consciência que ocorre do sétimo para o nono ano, é criar consciência das diferenças entre o que é feito num sétimo ano e o que é feito num nono ano. No sétimo ano ainda pode-se responder a um aluno com a autoridade. Os alunos do nono ano são ofendidos quando são tratados com a autoridade.

É preciso que haja uma mudança na consciência, ou haverá esses problemas.

Isso é a primeira questão: Como podemos unir a ciência individual e a consciência social?

Há um velho ditado que diz assim:

Ponha-se a si em ordem, ponha a sua família em ordem, ponha o seu país em ordem, nessa ordem. Se você não fizer nessa ordem haverá problemas. Então a chave é pôr a mim mesmo em ordem.

Então, a cada etapa, comece pondo a si mesmo em ordem. Isso quer dizer que eu preciso controlar as minhas imagens interiores. Quando eu começo a praticar isso, logo percebo que é praticamente impossível. É quase impossível.

Porém, é impossível se eu tiver a expectativa de que o resultado aconteça. Se eu começar a me exercitar no controle das minhas imagens interiores e tiver uma expectativa muito grande, logo estarei desapontado, pois descobrirei que não consigo controlar as minhas imagens. Ao fazer esse exercício, observo que

começa a dar errado num determinado ponto. À medida que eu tento, sempre paro naquele ponto que dá errado. Se eu continuar com o exercício eu criarei familiaridade com aquele ponto onde o exercício não funciona. Quando eu me familiarizo com aquele ponto posso dizer que adquiri certo caráter nesse ponto. O ponto onde não consigo mais controlar a imagem é o ponto de muita profundidade na minha personalidade. Isso deriva de crenças que eu coloquei em mim mesmo, que eu aprendi quando era criança, muito pequena. Quando eu começo a controlar a minha imagem crio um ponto, surge uma crença de que eu não consigo, e que acabo não conseguindo mesmo. É como se alguém dissesse: “Você não consegue”. Isso surge a partir de uma crença que vem e aí você não consegue e se pergunta: “O que fiz para não conseguir isso?” Ou então, “pare de fazer esta bobagem, não vai dar o que você esperava”. E essa voz é uma força dentro da minha personalidade.

O objetivo da prática é descobrir de onde é que essa voz vem. Dizer para ela – “O que você está fazendo na minha vida? O que você está tentando me ensinar?”

Porque isso que me impede de chegar em minha imagem interior me bloqueia, é um problema. É como se fosse um coco. Dentro do coco tem uma coisa muito boa. Mas eu poderei quebrá-lo tentando tirar a partir de fora. Parece terrível, impossível. Mas se insistir, mais cedo ou mais tarde você chegará a algo muito bom, mesmo dentro do seu problema. Porque esse problema, uma vez desvelado, é que representa o objetivo da vida, o dom, aquilo que você já tinha antes de nascer. Rudolf Steiner fala que é a representação do impulso da vontade no sentido da encarnação. Quando começamos a fazer esses exercícios de imaginação, acabamos por penetrar nesse voto feito antes de nascer. Nós nos sentimos muito pequenos diante da grandiosidade da imagem. Mas este sentir-se pequeno é justamente do que necessitamos para impor-nos a nós mesmos. Poderíamos dizer: “Esse é o instrumento que os anjos usam para nos ensinar, porque eles sabem a forma de nos conduzir para nos encarnar. Eles nos fornecem antecipações para a nossa vida, para que recordemos o porquê de estarmos aqui”. Mas essas situações, na maior parte das vezes, exigem de nós que sejamos capazes de controlar essa imagem interior.

Se não faço esse trabalho conscientemente, será feito inconscientemente. Mas existem grandes implicações para isso, pelo fato de não se fazer isso conscientemente. Implicações pelo fato de os anjos nos impelirem a fazer. Mais informações sobre o assunto estão disponíveis na palestra “O que faz o Anjo em nosso Corpo Astral”, de Rudolf Steiner.

Um dos males sociais que nós encontramos atualmente é caracterizado neste pequeno livro. De certa forma tende a violar a nossa liberdade, e daí vem os problemas sociais. Se eu assumo esse trabalho por mim mesmo, eu contri-

buo, eu assumo parte de seus problemas sociais. Por que para os danos atuais têm oferta. Se eu faço esse trabalho eu contribuo assim como se eu estivesse fazendo o trabalho social do outro.

O problema que temos hoje com a mídia, com a violência, vem justamente desse ponto. Poderíamos dizer que ao trabalhar com a minha imaginação eu não resolvo os problemas sociais, mas tenho meios de guiá-los diretamente e eu me vejo – a mim próprio – falhando, fracassando.

É muito necessário e importante que eu me veja fracassando. Isso é necessário, em especial para o professor. Se eu não passo por essa experiência, dificilmente eu terei compaixão pelos estudantes que passam por isso. Eu preciso desenvolver uma paciência em relação à minha inabilidade e conseqüentemente à inabilidade deles.

É preciso entender a inabilidade deles para conduzir a algo melhor. Sem falar mal ou culpá-los. Como aprendo isso? Aprendo a não me culpar. Eu preciso sofrer como adulto para ser capaz de ter compaixão com a criança. As crianças não têm relação com alguém que pensa que é perfeito.

Os alunos do Ensino Médio ainda vão adiante no seu não-relacionamento (por exemplo, você encontrar uma mensagem na sua janela do carro...) Portanto, é muito importante, muito central o trabalho do professor.

Existe uma lei no ensino; uma lei pedagógica: ‘O professor do jardim de infância ensina o corpo físico dos alunos a partir das suas forças vitais. No primeiro ciclo do ensino fundamental o professor ensina o corpo vital a partir do seu corpo astral. No Ensino Médio, o professor, através de sua individualidade (eu) prepara o astral do aluno. Isso vai adiante. Se você quiser trabalhar com adultos então é a partir do seu corpo conhecido por Manes.

O trabalho que fizemos ao compartilhar um com o outro é a forma de ensinar o adulto. É difícil para o adulto aprender a partir de outra pessoa. Mas aprendem, sim, conversando uns com os outros sobre o que a pessoa diz. Como adulto eu tenho essa capacidade.

Essa lei pedagógica se mantém verdadeira para a capacidade de formar imagens. Quando eu aprendo a controlar as minhas imagens interiores eu crio a possibilidade de atuar no âmbito do social, mas isso não acontece de modo direto; na verdade, eu apenas deixo de contribuir para a confusão da humanidade. Eu posso ouvir que estou à beira de cometer um erro, eu posso ouvir que estou a ponto de fracassar. Eu posso controlar essa imagem se há alguma compaixão em mim, até mesmo pelo mero fato de eu ser humano. Essa é uma lei de grande profundidade. Se vocês quiserem ver como funciona, existe o seguinte experimento:

Quando estiverem em um aeroporto e lá estiver uma criança com menos de três anos e essa criança estiver chorando – fazendo uma confusão danada

semelhante à presença de terroristas, afinal, a confusão que uma criança de três anos provoca é igual à presença de terroristas no aeroporto –, imaginem o anjo da criança e a mãe. Imaginem o seu próprio anjo indo em direção ao anjo da criança e à mãe. Imaginem um pouco da força do seu coração indo, através do seu manto, até o anjo daquela criança com a mãe. Aí vocês se surpreenderão porque a criança se acalmará.

Agora imaginem novamente a criança igual a um terrorista! Isso é bem tentador e qualquer um pode experimentar.

Esse nível de mutação está acontecendo o tempo todo inclusive com os adultos. Acontece que mãe e criança, juntas, estão muito abertas. Seus corpos etéricos vitais recebem esse tipo de imagem o tempo inteiro com muita facilidade. Podemos chamar isso de imaginação social e também podem ser realizados em um encontro de uma congregação.

Existe mais uma pergunta. Isso tem a ver com crianças desde o nascimento até a idade de três ou quatro anos:

## **Como se trabalha para despertar-se dentro dessa criança?**

Eu posso dizer que a criança percebe periféricamente quem você realmente é. Ela precisa esforçar-se muito para separar isso de dentro dela. A razão se relaciona ao que eu disse no início, estas crianças vivem no âmbito da fantasia. Quando você faz uma determinada expressão com o seu rosto, ela o incorpora interiormente (fez caretas). Ela acolhe o seu ser e se torna assim. Então, mais uma vez, fica dito: controle a sua imagem interior!

A sua imagem interior é o que elas estão percebendo. Se estivermos muito irritados e aí tentamos fazer um exercício para despertá-las por dentro, vamos nos deparar com nossa própria raiva. Então o objetivo de despertar dentro delas não é um bom objetivo. No entanto, podemos tentar despertá-las para aquilo que elas virão a ser. Então é útil para você introjetar o modo como elas falam, o modo como elas se movem. Daí você imagina que tem dentro de você uma criança pequena na roda da manhã, no jardim de infância, é assim que ela se comporta; não faz senão “uh,uh,uh”. Se você diz “Fiquem quietos e ouçam”, nesse silêncio do ouvir, à noite, você vai ganhar a percepção do que o Joãozinho esperava no silêncio.

E aí faça um poema ou faça um desenho. Pegue um pouco de cera e faça um passarinho colorido ou pegue um pouco de barro e faça um animal. A imaginação que guiará você para fazer esse animal terá alguns sentimentos que o Joãozinho esperava de você.

Na próxima vez que o aluno fizer isso, você terá uma imagem dentro de você. Essa é uma imagem viva que você pode levar consigo quando ele aprontar



de novo alguma coisa. Esse campo imaginativo tem de ser cultivado, especialmente para os pequenos.

Vocês vão fazendo exercícios para despertar dentro deles, e eles vão ficando cada vez mais espertos. Mas você tem de abordá-los com a sua própria imaginação, de modo que você possa ter compaixão, no sentido de que eles estão passando dentro da sua fantasia. Eles não têm capacidade de controlar suas próprias imagens interiores. Temos de agir do mesmo modo como eles fazem e agem. Você é o adulto e está fazendo como exercício e você, a partir da sua própria organização, tem de formar imagens para lidar com isso.

Esse é o trabalho de imaginação.

Isso não é fantasia, também não é ao acaso. É uma ferramenta, é um instrumento e deve ser usado como uma ferramenta.

Com os alunos maiores é um pouco diferente.

No Ensino Médio eles quase, quase chegaram a seu 'self', o si próprio. Com eles podemos fazer exercícios como nós estamos fazendo aqui, com as imagens que eu dei. Como é que usam a sua vontade? Como é que eles usam seu pensar? E eu formo imagens interiores: como essa pessoa está lidando com a vontade? Com o seu pensar? Com o seu sentir?

Posso, por exemplo, pegar um livro de arte e carregar em minha alma uma pessoa em particular. Eu folheio o livro de arte. Vou começar a procurar imagens nesse livro de arte que me lembram como eu me sinto na presença daquela pessoa. Eu posso pegar aquela imagem e colocá-la em algum lugar na sala de aula. Ela não passará despercebida porque ela estará incluída em uma história, em um enredo pedagógico. Eu posso encontrar uma obra de arte que recorde em mim, ou evoque o sofrimento que o estudante passou ou a questão que ele está vivenciando: a pietá, a crucificação, o filho pródigo retornando ao lar. Todos os grandes temas foram carregados ao longo do tempo em suas almas. Eles representam tremendo recurso para os professores no sentido de cura anímica dos estudantes.

Essa imagem será colocada na sala de aula de tal modo que aquele aluno em quem eu estou pensando em particular acabe entrando nela, de modo que ele a encontre.

Se você é professor de Ciências e trabalha no Ensino Médio, pode escolher a biografia de pessoas que superaram determinada situação no mundo científico. Você pode estruturar sua aula de Ciências, Química, Matemática em torno da realização da conquista que aquela pessoa realizou na sua biografia. Para o estudante do Ensino Médio isso fornece uma fonte de esperança.

Nós podemos chamar isso de inspiração. Não é que você está pregando ou palestrando. Você está dando um período. Você usa a sua imaginação para voar, parece radar etc. Para se inteirar das defesas deles. Os alunos estão na espec-

tativa de você alcançá-los, no nível do intelecto. Você pode deixar espalhado ali no ambiente algumas sementes, com as quais eles acabam se envolvendo e, sem dizer nada, eles encontram a lição. E a razão de eles encontrarem a lição é porque eles estão com fome. Famintos por aquela imaginação. Mas se você não desenvolve a sua imaginação, não consegue perceber pela qual imaginação eles estão famintos. Esta é a chave.

A sua imaginação não faz nada no seu lugar. Ela apenas permite escolher as coisas que vêm ao seu encontro e que são apropriadas porque os alunos também ainda são vazios. A partir das imagens do mundo criam-se imagens em mim. Imaginação é quando controlo as imagens que vêm a mim a partir do mundo e, quando começo a controlar, vou perceber como as imaginações atuam no mundo. É fato que essas imaginações surgem cada vez que eu falo com alguém para me inteirar dele. Na verdade, são conteúdos da alma humana.

## ■ Diálogo

Como é que eu crio uma condição tal para que eu me habilite e comece a ter uma imaginação, para ouvir uma imaginação?

Posso responder em uma só palavra: Praticar.

Quanto mais eu praticar fazer imagens, mais e mais começo a suspeitar das respostas.

Porque respostas fecham a imaginação; perguntas acabam bem abertas.

E eu tenho de exercitar a tolerar uma pergunta que não está recebendo uma resposta.

À medida que eu aprendo o jeito certo de fazer, e levo ao silêncio, vou mudando a pergunta:

Observar - representar – silenciar – registrar.

É o que tivemos esta manhã.

No silenciar está a chave.

Quanto mais profundo o silêncio, mais eu entendo que não preciso de respostas. Começo a não confiar em respostas, porque as respostas acabam virando outra coisa. Eu pergunto a vocês assim:

Chocolate é bom para você ou mau?

A pergunta é se a resposta é sim.

É bom ou é mau?

Gordura faz bem ou faz mal?

Sim, de acordo com uma situação.

Vinho faz bem ou faz mal?

...faz bem ou faz mal?

Se vocês trabalharem assim, verão que qualquer coisa tem o lado ótimo e o lado ruim. Se você tem problemas em relação a qualquer coisa com as respostas do seu médico. Essas respostas têm 50% de chance de estarem mortalmente erradas. Quando esperamos por respostas, maior a chance de errarmos. Esperar que o mundo dê as respostas, essas respostas terão problemas.

As pessoas que hoje mudam o mundo são aquelas que têm grande tolerância com perguntas que não tem respostas. Tem tolerância por coisas imprevisíveis e entendem que erros são modos de aprender. Eu entendo que o erro é o único modo pelo qual podemos aprender. Eu estou fazendo cálculos e participo de um erro. É, erro; é um problema, mas o verdadeiro motivo de se fazer cálculos não é só parar de fazer erros e tornar-se um engenheiro. Mas sim, se faz cálculos para aprender a pensar com clareza! Assim como a proposta da educação não é conseguir um emprego. O propósito é fazer de mim um aprendiz severo. É para ser um aprendiz que faz cálculos ou o que for e que vai continuar aprendendo depois de terminar um processo de formação. A maioria das pessoas, quando termina o Ensino Médio, Ensino Profissional ou uma Universidade, logo busca um emprego. E sua capacidade de aprender começa a definhar rapidamente. E a companhia que os contratou – justamente porque estavam cheios de informação, porque acabaram de sair da escola –, começa a olhar esquisito para ele, quando no decorrer do tempo deixam de ser eficientes.

Porque respostas para as informações dificultam a aprendizagem de coisas novas. Porque o nosso saber, aqui, é meio saber.

O poeta diz: O nosso saber é um meio saber. E se o nosso saber é a metade, impede que nós realmente saibamos. Como nós sabemos, nos dificulta saber o que não sabemos. Então a dificuldade não é encontrar respostas, mas mover perguntas. O trabalho não é uma extensão.

Quando o professor faz um trabalho imaginativo tem de saber que qualquer resposta que ele obtenha é temporária, apenas provisória. Eu simplesmente elaboro um processo, por mais que eu siga o caminho de observar – representar – criar o silêncio – concluir; se faço isso com frequência suficiente, o mundo criará uma condição melhor para uma pergunta melhor que surja para mim e me leva direto à solução. Alguma coisa vai me apontar um livro, vai me contar algo, ou outras coisas. E de repente eu vou reconhecer: nossa, isso é o que eu estava procurando há um mês! Quem sabe, eu vou para o correio e eu escuto dois velhos falando de algum assunto e eu percebo que esta é a resposta a uma pergunta à qual eu carregava comigo a mais de um mês. Eles não têm a menor idéia, não têm importância, importa que eu saiba. Eu sei que isso vem a mim

por meio deles e eu estou dizendo ‘isso é assim’. Isso se torna ainda mais forte se você trabalhar com crianças.

Você não sabe as coisas que dizem a seu respeito, pois não chegam até você. Mas são grandes objetivos em boas imagens que prestam um grande serviço pois levam você a fazer determinadas perguntas. Então, ao fazer perguntas você reconhece do que se trata. Mas se você acha que é portador das respostas, acaba afastando as imagens.

## ■ Palestra de 26/01/2010

### O Grande segredo na educação

Em benefício do que vimos ontem, gostaria de fazer uma breve revisão. Por favor, peguem aquela imagem com os três homens. Como ontem, gostaria de abordar agora como vamos ver o que isso tem a ver com imaginação. Nós estamos transformando a imagem em imaginação a partir daquilo que é reconhecido como fantasia.

A fantasia é a consciência da criança pequena. É a experiência interior, que é determinada pelo que ela recebe através do mundo do sentir. A criança pequena tem experiência sensorial, a imagem penetra em sua alma. Essa imagem se reflete para cima como o próprio conteúdo da alma. O conteúdo da consciência da criança depende daquilo que está no entorno dela, no mundo sensorial. Por exemplo, no jardim, há o momento da roda em que uma criança começa a fazer assim (um gesto qualquer). Daqui a pouco, a criança do lado começa a fazer a mesma coisa, aí todos começam a fazer assim (o mesmo gesto). E se perguntarmos: “Por que estão fazendo assim?”. Dirão: “Eu? Oh, eu não!”. Isso acontece dessa forma porque os sentidos estão criando na criança o conteúdo da consciência. Isso é chamado de fantasia. Em um processo de amadurecimento espera-se que se supere a fantasia e a isso chamamos educação.

Nós temos de controlar o impulso que vem do mundo sensorial para dentro de nós e nós o fazemos quando mudamos o nosso pensar, o nosso sentir e a nossa vontade.

Quando eu mudo o meu sentir, o meu pensar e a minha vontade, eu posso controlar a minha imagem interior. Esse é o processo natural do amadurecimento. Mas eu posso reforçar isso tremendamente. Eu posso tomar o meu pensar, o meu sentir e a minha vontade e treiná-los. De modo que sou eu quem determina

a minha imagem interior. Rudolf Steiner chama isso de clarividência. Eu posso controlar a minha imagem interior e isso significa: eu posso ver o conteúdo da minha alma. Para fazer isso eu tenho de mudar o meu pensar, o meu sentir e a minha vontade. Isso é um grande segredo.

Para isso precisamos de outras pessoas. Por que os outros refletem para mim o conteúdo da minha alma. Caso contrário, eu fico preso ao meu próprio pequeno mundo, ao mundinho no qual eu creio. E meus colegas, amigos e família mostram para mim onde eu preciso mudar. Se eu não dou conta bem disso, preciso ir para algum terapeuta. Eu posso tratar disso naturalmente ou eu posso ir para um psiquiatra. E, eu posso fazer isso por mim mesmo com o objetivo de me tornar uma pessoa melhor. Professores precisam fazer isso para não criar imagens negativas para as crianças. Estudantes precisam receber de seus professores imagens de nível superior.

### **A chave é a confiança na alma do professor**

As imagens que o professor usa ao ensinar devem atuar como espécie de remédio para a alma. Podemos oferecer a imagem de uma vontade purificada, de um sentir purificado, podemos oferecer a imagem dos sentimentos purificados que abrangem um pensar purificado; uma pessoa jovem que está próxima assimilará essa imagem como uma nutrição. Podemos nos lembrar de nossa própria vida, lembrar de um professor que nós amamos e respeitamos. Provavelmente não lembraremos com tanta exatidão daquilo que ele ensinou. Mas lembraremos da pessoa que ele era por dentro. Nós não estávamos nem aí para aquilo que ele ensinou, de Química ou de Matemática, mas lembramos do coração, da alma dessa pessoa. O coração e a alma da pessoa são responsáveis pelas imagens mais elevadas que ela usa ao ensinar. Os jovens estão ouvindo a vida interior do professor e se eles confiarem nessa vida interior aceitarão a lição. Não importa tanto se foi cumprido o currículo. Eles ouvirão porque eles confiam na alma dessa pessoa, desse professor. E essa é a grande chave. O que realmente importa é que os alunos possam confiar em nós. Eles confiarão em nós se trabalharmos as nossas próprias imagens interiores e para fazê-lo nós transformamos nossa vontade, nosso sentir e o nosso pensar. O processo que nós usamos ontem é um modo de fazer isso, é um recurso.

Primeiramente nós observamos e depois representamos. Vocês podem preparar o desenho e observá-lo. Daí, pegar a imagem internamente, isso é representar. Se observarmos o processo de educação, encontraremos basicamente as duas coisas. É uma espécie de soletrar a fotografia.

Aqui está a nova palavra, olhem como a escrevemos e a agora lembrem. Lembrar é representação e a maioria das pessoas pensaria que à educação

caberiam esses dois processos. Mas esses dois processos sozinhos deixam fora os passos mais importantes.

Um desses passos é equilibrar a imagem que acabamos de lembrar. Se trabalhamos como terapeutas, sabemos que o problema mais essencial é que as pessoas ficam lembrando demais do que não deveriam lembrar; conseguir que as pessoas transformem essa imagem que elas têm é muito difícil porque as pessoas não praticam esse exercício de se lembrar das imagens.

O segredo da boa educação é ter a capacidade de livrar-se das imagens, mas só nos livramos das imagens depois de tê-las construído. Depois de um tempo é preciso repetir esse processo. Se simplesmente nos livrarmos das imagens, as esqueceremos. Se realmente queremos trabalhar com imagens, precisamos nos tornar capazes de esquecer conscientemente. Eu preciso ser capaz de me erguer, eu mesmo, e esquecer. Então, primeiramente precisamos construir uma imagem, isso é representação, e precisamos esquecer esta imagem para que a alma entre, por assim dizer, no silêncio. O silêncio é tão importante quanto o lembrar.

Se tivermos um problema, o silêncio se torna ainda mais importante. Olhamos para a imagem. Fazemos uma representação da imagem para nós. Daí eu absorvo e faço o silêncio. São passos: - observar – representar - silêncio - essa seqüência nos permite criar imagens que tocam a alma.

O silêncio significa humildade, o silêncio indica ao mundo espiritual: isso aqui é o que eu acho, o que é que vocês acham?

O mundo espiritual está em busca das pessoas humildes; humildes em suas mentes. E é isso que Cristo quis dizer com as palavras “Bem – aventureiros os pobres em espírito”. Pobre em espírito quer dizer: “eu estou disposto a crer espiritualmente”. Daquele silêncio consciente vem a benção.

Quando estou trabalhando as imagens com determinado aluno, o anjo da criança atua dentro do meu silêncio. Minha alma conecta-se à alma do aluno por meio do silêncio, por meio do silêncio consciente, quando dissolvemos algo que tínhamos acabado de criar. É o ponto cerne e crítico; se não fazemos o silêncio, ficamos eternamente nos repetindo. Será tão, tão, tão. Podemos estar apenas repetindo o erro. Se eu quero transformar tais erros, devo: observar, representar e silenciar.

## O quarto passo

O quarto passo é relembrar o que vem do silêncio. Pode ser um diagrama, podem ser algumas palavras. Não importa realmente o que seja. Vamos tratar tudo como se fosse uma resposta. Tratar como uma idéia qualquer. É muito importante que eu a revista.

## O interesse dos anjos

Rudolf Steiner, certa vez, tratou disso com uma imagem muito bonita. “Os anjos tem interesse especial em observar pessoas escrevendo, mas eles dão a mínima para aquilo que está sendo escrito. Eles só dão importância para a vontade que é usada para mover a mão. Por que naquele movimento o pensamento se torna manifesto. Porque aí os pensamentos se movem através do coração até a mão. E esse é o grande presente do dom da arte, euritmia do silêncio. É por isso que se tornou um elemento tão importante no currículo Waldorf. Quando eu registro algo a minha vontade se muda, torna-se um momento criativo. Poderíamos chamar isso de euritmia dos dedos. Eu estou criando uma imagem daquilo que vive em minha alma. Essa forma de imagem inclui poesia. Não importa a forma como isso está escrito. Poderia ser algo mais parecido com um sonho, um pequeno fragmento com sentido, como um *hai kai*. Não importa o que se registra, mas que se registre. Porque algo que tem a sua vontade tem um movimento diferente. Mas há uma chave: deixar que a vontade se mova sem tentar que seja uma resposta.

Pode ser apenas o fragmento de um sonho. Mas a minha alma está muito envolvida e atada no sonho. Então, algum tempo depois eu preciso repetir esse processo para obter uma imagem. Podemos pegar a mesma imagem – observar – fazer uma representação – levar ao silêncio – e desse silêncio eu obtenho outro fragmento desse sonho; mas eu continuo não obtendo uma resposta. Não foi pensado em respostas, mas em processos. Eu registro – e continuo não tendo respostas. Porque eu não estou interessado na resposta, mas no processo. Quanto mais eu repito esse processo mais a minha intuição cresce.

Isso vai transformando a minha memória em imaginação. A imaginação é a maçaneta da porta da intuição. Quando uso a maçaneta da imaginação para abrir a porta, o que entra é inspiração. Mas a minha alma é muito pequena para conter essa inspiração. Se eu estou fazendo isso com uma criança, a inspiração que vem através da porta é como esta criança será quando tiver 45 anos. Minha alma quer dar conta disso. Tudo o que eu tenho aí é o fragmento do sonho que eu criei. Será o registro desse fragmento. Eu faço esse exercício de novo e de novo, vai acontecer que a porta se abrirá ao invés de permanecer fechada.

Aí vem a situação em que eu me encontro com essa criança. E porque essa porta está aberta, o meu anjo e o anjo da criança podem conversar.

A criança reconhecerá esse fato e terá a capacidade de responder a isso com honestidade e sua alma será tocada por isso. E quando a alma da criança for tocada por isso, a nossa alma também será tocada, porque o que realmente importa é alma com alma, por que isso é o verdadeiro. O processo que fizemos ontem com a imaginação a partir do desenho é um pequeno modelo disso. Eu pedi que vocês escolhessem uma das gravuras para trabalhar com ela e eu pedi

que vocês imaginassem como o agente da imagem usaria a sua vontade, podemos chamar isso de gesto de vontade. Eu vou demonstrar para vocês alguns gestos de vontade. (Mostra o gesto de uma criança que demonstra que quer caminhar. Risos.)

Esse é o jeito de caminhar de uma criança quando ainda está ligada ao céu. Ela não quer descer. Ela quer permanecer lá em cima com o pai divino. Podemos observar isso como um gesto de vontade. Esse gesto de vontade atravessará toda sua vida. Quando tiver 35 anos de idade ela vai ter problemas com seu rosto. Porque aos quatro anos ainda desejava estar sob o olhar do pai.

Eu vou mostrar outro gesto de vontade: é para aquele que está no fundo da classe, (ele demonstrou um andar de afundar os calcanhares); Rudolf Steiner fala desse modo de andar. Ele fala do grande iniciado Jacob Boehme, que era sapateiro e conseguia um estado de consciência mais elevado arrumando os sapatos dos outros. Porque enquanto consertava aqueles sapatos ele era capaz de contar como era a vontade daquela pessoa. Ele era capaz de relatar qual era o impulso daquela pessoa ao vir à Terra. No meu curso em Sacramento nós fazemos um exercício. Eu peço a cada um dos estudantes que escolham alguém da classe e observem como essa pessoa caminha, levanta e senta. Depois de duas semanas fazendo isso eu lhes peço para fazer um desenho de onde a sola do sapato está mais desgastada, pois isso é uma imagem da vontade do ser, é uma imagem de como ele se encontra com a Terra e isso é uma imaginação.

Ontem falamos como o adulto vai ao encontro do seu olhar. De que modo esta pessoa está sentada ao falar conosco. Como seriam os gestos que essa pessoa faria com as mãos se ela estivesse falando, se puxam as mãos em sua direção, ou as empurram na outra direção. Elas gesticulam com o dedo apontando ou não? O tempo todo isso nos conta como a vontade dessa pessoa está se movendo. Ontem eu pedi para que pegassem uma dessas imagens e imaginassem como isso seria. Porque o impulso de vontade que faz a suas mãos se mover é o mesmo impulso de vontade que cria o seu rosto. As mesmas feições, especialmente na mandíbula. O maxilar suave, pontudo, forte ou outra variante: quando fala, o tipo de entonação (ele imita alguém e como esse alguém mexe o maxilar, risos). Isso tudo é vontade, isso tudo é o modo como a pessoa usa o instrumento pelo qual a vontade se manifesta. Isso se expressa no rosto, especialmente no maxilar.

E agora vamos observar o sentimento: o sentimento no rosto se encontra na área mediana. Se traçarmos um triângulo de um olho a outro e o vértice nos lábios poderemos observar o triângulo do sentimento. Se vocês estão conversando com uma pessoa e olharem para o triângulo podem fazer uma imagem de como são os sentimentos dessa pessoa. Esses sentimentos criam linhas no rosto e elas podem ser franzidas ou interrompidas, como em um sorriso, ou espremidas



como essa (e faz uma careta). Quem faz isso muito ganha pés de galinha. E se alguém fizer assim, tentamos saber qual é o sentimento ligado a isso. A pessoa faz assim (faz a careta) e nos perguntamos: “O que está acontecendo?” (Risos).

O que está acontecendo dentro da pessoa é isso que você está enxergando. As crianças ainda estão nas nuvens, mas se somos bons observadores, havemos de observar o rosto da criança desse modo. Então dizemos: muito bom, a missão está resolvida.

Daí a menina da frente, como uma atriz, faz assim (risos).

São gestos da alma, e para nós, como professores, é muito útil observar isso porque nos conta que tipo de atenção a criança precisa, a qual tipo de imagem essa criança responderá. Para os melancólicos contamos uma história triste. Aí fica com ciúmes (risos), então pode-se ver, ai, ai, talvez não seja tão triste.

Isso é uma ferramenta para o professor, é imaginação. É uma imaginação precisa. Imaginação não é fantasia, porque o professor sabe que a imagem que está surgindo é essa, e ele cria consciência das imagens que vêm surgindo por meio do todo.

## **Agora podemos abordar o pensar**

Ao olhar para as imagens podemos refletir sobre como é que a pessoa pensa.

Podemos pensar como o ônibus atravessa a cidade. É quando o professor vira um sábio. Então ele diz: “Em 1450, a Rainha da Inglaterra...(imitou a fala chata, linear e nasalada. Muito riso) É isso que chamamos de ônibus que atravessa a cidade. Temos de observar, por exemplo, as crianças lendo. A criança está lendo algo que você designou e a mente faz “uau!”

Daí podemos colocar a criança distraída ao lado de outra criança. Aquela criança que está do lado lê do seguinte modo (imita uma criança lendo devagar e cautelosamente, primeiro uma palavra, depois outra; soletra). Aqui podemos observar o modo de pensar da criança.

É útil observarmos o modo como elas pensam. Pode-se saber isso instintivamente, mas é preciso ter consciência. Quando temos consciência, os anjos de um e de outro podem conversar entre si. Para que isso aconteça é preciso que o pensar esteja ativo.

Então, o que nós fizemos ontem foi escolher um daqueles retratos e fazer o exercício da vontade, do sentir e do pensar. Agora vamos repetir com uma variação.

Para que isso aconteça é preciso estar consciente. Agora, façam um acordo com o seu parceiro e nós vamos escolher outro retrato do seu papel. Escolham juntos os que vocês farão para transformar a pessoa do primeiro retrato e transferir para a pessoa do segundo retrato.

O modo de fazer isso é o seguinte:

Imaginem: você é o presidente do comitê, você tem duas pessoas nesse comitê, a pessoa nº 1 e a pessoa nº 2. Sua função é fazer as duas chegarem a uma decisão. Para fazer isso você tem de pegar a vontade, o sentir e o pensar do nº 1 e imaginar o que é preciso fazer para que a vontade, o sentir e o pensar possam se igualar ao da pessoa nº 2. Pensem sobre estas perguntas propriamente, por alguns instantes. Formem uma imagem da pessoa nº 1 conversando com a pessoa nº 2. Pensem como eles teriam que agir para se comunicarem.

Escrevam algo sobre o que vocês teriam de fazer para que isso acontecesse.

Tomaremos alguns minutos para fazerem isso.

Para que o trabalho se desenvolva nas comissões é preciso combinar estilos de vontade. Algumas pessoas querem chegar a uma idéia, colocar em prática e acabou. Há pessoas que começam a conversar acerca de como aplicar essa idéia e vão até o mundo acabar, dando uma volta e mais uma volta e mais outra. É um impulso de vontade diferente. Uns querem já soltar o gatilho, outros nem querem pegar na arma. No trabalho que se desenvolve por meio de comissões é importante considerar como os estilos de vontade podem encontrar-se e mesclar-se.

Agora, ao olhar para os sentimentos, observamos que em uma comissão os impulsos de vontade podem criar problemas. Transforma-se aquele impulso de vontade em sentimentos. Sentimentos do tipo “o que eu preciso para mim mesmo”. Ontem nós demos aos exemplos desses sentimentos o nome de desejos. Ontem nós imaginamos que aquela pessoa do retrato não conseguia uma coisa que ela queria. Como é que fica o sentimento daquela pessoa? Ela fica com raiva? Vai comer alguma coisa? Ela quer ir embora? Quer fugir? Esse sentimento tem a ver com o impulso na alma. Pois quando sentimentos emergem as pessoas voltam a ter quatro anos de idade. As pessoas voltam a estar na mesma situação da sua família de origem. Pois quando temos três a quatro anos, junto à comida vivenciamos sentimentos de nossa família.

Você também absorve o clima como os problemas que são absorvidos. Nós tivemos um problema tão interessante no jantar ontem à noite. Havia uma jovem que passou um tempo na África. Havia pizza, ela atravessou toda a mesa com o seu garfo e catou a pizza, como catasse um peixe no rio: grau! A família disse que ela deve ter feito isso na África, na mesa comunitária. Existem sentimentos envolvidos nisso. Na África o sentimento é: todos estamos juntos nisso. O sentimento aqui é: Há para todo mundo, não é preciso ficar preocupado! Nesses gestos vivem os sentimentos de conseguir ou não. O que você quer, vai conseguir.

Como nos sentimos quando conseguimos e quando não conseguimos algo? Estamos entre essas duas pessoas, com estilos diferentes do sentir. A reso-

lução de conflitos consiste em ver como nos sentimos a respeito de determinada situação. Temos de ir para além daquilo que queremos, mas como nos sentimos a respeito de conseguir ou não é mais importante do que realmente conseguir ou não conseguir. É outro nível na alma.

Então a tarefa é de conseguirem que essas duas pessoas da imagem conversem sobre os seus sentimentos. Então recorram à sua imaginação, o que é, na verdade, uma representação.

Imaginem uma pessoa conversando com a outra e quais os sentimentos que elas teriam. Levem isso para o silêncio e daí escrevam algo a respeito – e então compartilhem entre si.

Há um dito entre professores veteranos: “Trabalho com crianças é ‘céu’; trabalho com os pais é ‘purgatório’”. Em muitos lugares, especialmente em escolas mais elementares, cada professor(a) é rei e rainha no seu próprio domínio. Tem algo que acontece na alma das pessoas quando, dia após dia, elas veem aquelas pessoas escrevendo o que elas mandam. É parte da natureza humana. Daí se torna um processo mental achar que o jeito de resolver problemas é este. A grande tarefa de trabalhar com colegas é a de aprender a:

Como posso despertar atentamente a pessoa para transformar? Ao trabalhar com pessoas, é muito importante e necessário que elas tentem, sem fazer correções de imediato. As pessoas querem ter o sentimento de que foram ouvidas, elas podem estar em situações nas quais ainda estão elaborando, dando forma a seus pensamentos. Pode nem ser tão importante para essa pessoa que o seu pensamento seja aquele que está valendo como saber. Pode estar pensando enquanto fala. É importante que esse pensamento possa ser expresso sem ser corrigido, porque, de outro modo, a pessoa poderá repetir aquele pensamento, e estará repetindo até que fique satisfeita porque, enfim, foi ouvida.

Rudolf Steiner nos dá uma imagem que justifica ser assim. É assim por causa da liberdade humana. Você sabe dizer para uma pessoa corrigir o pensamento dela de modo que se ela enxergar o erro, ela tem a liberdade de mudar. A liberdade humana consiste no fato de que o ser humano pode mudar o seu pensamento. E se alguém puder ajudar a pessoa a fazer isso, essa pessoa pode até apreciar o fato de ser ajudada. Mas se ela diz algo incorreto e isso é corrigido imediatamente, cria-se um problema. Porque a pessoa sente essa correção como um cerceamento da sua liberdade. Vai pensar: “isso é uma coisa inócua, ele está atravessando o caminho da minha liberdade. Eu posso concordar com a sua correção, mas...(risos e palmas).

Há um grande segredo nisso, é aquele sentir mais por simpatia. Eu acredito nisso! No reino do pensar, isso é muito delicado: ser corrigido enquanto se está expressando o seu pensamento. O melhor é dar espaço, apenas ouvir e mais tarde essa correção pode acontecer. E se a correção compete a mim, dessa for-

ma não há o sentimento de violação da liberdade. Pois a pessoa que sentir sua liberdade violada não consegue mais participar do processo de modo adequado.

Então, no nosso exercício vocês imaginam que essas duas pessoas estão numa comissão, e você é o presidente dessa comissão e tem de trazer algo novo. Você tem de permitir que essas duas pessoas tentem expressar os seus sentimentos. Eu quero que vocês se imaginem lidando com a situação. Talvez uma dessas pessoas não tivesse dando espaço para a outra que quer entrar, ou talvez um delas tenha medo de expressar-se na presença da outra. Isso depende de sua percepção, de quem são essas duas pessoas dos retratos.

Olhe, agora, para essas duas imagens, você tem a vontade e o sentimento. Agora, simplesmente converse com o seu parceiro acerca de como você teria de fazer para propiciar o espaço necessário para o encontro, para essas duas pessoas expressarem os seus pensamentos.

Há um verso muito útil de Rudolf Steiner sobre esse tipo de trabalho. Podemos chamá-lo de um verso meditativo:

*“Quando eu quero o meu pensar, isso é liberdade.  
Quando meu pensar é o que eu quero, sou livre.  
Quando eu penso para dentro do meu querer, isso é amor”*

Rudolf Steiner

## **Essa é a chave da educação**

Isso significa: quando sou voluntário no meu pensar, tenho condições de corrigi-lo. Essa é a chave da educação. Eu tenho controle sobre a minha imagem interior; eu tenho que querer internamente essa imagem, isso termina pondo-me em contato com a minha liberdade. Porque ali eu percebo que quando eu quero, eu sou voluntário no meu pensar; eu posso corrigir o meu pensamento naquilo em que ele está errado. É essa a chave da educação inicial. Eu posso corrigir o meu pensar.

Na Bíblia: São João chama de metanóia. É uma força profunda e poderosa na alma, mas ainda não é a força mais profunda na alma e para isso nós precisamos da segunda parte do poema de Steiner.

*“Quando eu penso para dentro do meu querer, isso é amor”.*

Isso quer dizer que quando eu uso o meu pensar ele adquire a capacidade de corrigir a si mesmo em direção àquilo que eu espero, para a expectativa do meu desejo, para o meu impulso, para aquilo que eu espero que aconteça.

Esses exercícios imaginativos com que trabalhamos está sugerido no conteúdo desse mantra.

Posso mudar o meu pensar, eu mudo o meu pensar olhando para os meus sentimentos. Eu olho para os meus sentimentos que emergem do querer. A vontade é aquilo que eu espero, de que tenho expectativa. A partir daquela expectativa que eu tenho, a partir de uma vontade de mudar, de fato, refuto. A expectativa é a parte oculta. Eu preciso olhar para as minhas próprias expectativas para transformar a minha alma. Quando começo a entrar em contato com a minha expectativa, aí eu tenho compaixão em relação aos outros mesmo que não corresponda às minhas expectativas.

Rudolf Steiner tem mais uma vez um modo incrível de colocar isso. ‘O ser humano vem ao mundo e sua experiência é a de que ele é separado de todos os outros. Ele consegue transformar a si mesmo de modo que assim que ele tiver a experiência de se separar dos outros, quando então percebe que todos os outros estão sentindo a mesma coisa. De modo que a única coisa que nos separa de todos os outros é aquilo que nós temos em comum com os outros.’

E isso é uma meditação extraordinária. Aquilo que me separa de vocês é o que é comum entre vocês.

O portal dessa iniciação é: “o que é que eu espero?”

– O olhar para as minhas próprias expectativas é a raiz da imaginação. Obrigado.

## Tarde

### ■ Avaliação

O tema de hoje à tarde é em torno da ‘avaliação’. Avaliar uma outra pessoa é algo muito delicado.

Muitas vezes você tem de avaliar uma pessoa e isso não é fácil quando se trata de um colega. É muito diferente quando se trata de um aluno e de crianças. Isso tem a ver com uma lei pedagógica: o professor educa o corpo físico da criança a partir de seu corpo etérico ou forças vitais e por meio do modo pelo qual o professor realiza – ou seja, pelo processo da imitação. O professor de crianças bem pequenas tem de moldar, modificar o ritmo das forças de vida. Se o professor tem alguma coisa que não está indo bem no jardim de infância ou numa creche, ele mudará alguma coisa no ritmo de uma atividade que está desenvolvendo, de modo que a criança tenha de mudar um ritmo. Coisas como varrer o chão são na verdade uma ação pedagógica para o corpo etérico, corpo

vital. Isso é um processo de avaliação no âmbito do desenvolvimento da criança. E o professor entende que não pode corrigir algo na criança, pois a criança não vai entendê-lo. Não, nem no caso da criança aprender com a autoridade, com amor; temos de ter a fantasia na orientação, é a bondade inata no processo de avaliação. O que o professor faz, a criança faz por imitação e isso é um exemplo de um processo de avaliação, e na maior parte com fantasia e imaginação. Porque uma pessoa adulta tem o seu eu encarnado e tem o seu corpo anímico desenvolvido. Na criança pequena o desejo vem de fora. Temos de ver que os desejos da pessoa vêm do entorno, de fora.

No adulto, quando vemos que algo não vai bem temos de fazer a avaliação de sua atuação, do seu ensino e o adulto é capaz de corrigir o seu procedimento. Não existem notas, não existe um plano de aula, existe um conhecer da vida.

Mas nós temos de ter claro que se existe alguma coisa que o professor sente que não vai bem e precisa fazer uma mudança, isso é um processo de avaliação.

Nesse processo, nós temos de avaliar a simpatia no seu grupo, considerando o comportamento. E nessa avaliação temos de lidar com uma bondade inata. A maior necessidade da criança do jardim é ser parte de um grupo, é uma espécie de consciência anterior, da pré-cultura grega, da antiga Grécia. Isso pode acontecer se você é membro de uma tribo, tomar parte da tribo. Em algumas culturas indígenas nós podemos encontrar a cadeira de observação. Você observa o que todos estão fazendo de modo correto. Isso é um processo de avaliação na cadeira de observação. Existem modos diferentes de lidar com isso. Aí numa cadeira de observação, alguém tem de estar sentado com uma bola de gentilezas. E pode ser uma bola de cobre, que está num bonito saquinho bordado, dependurado ao lado da cadeira de observação, assim: Se você não for um bandido muito grande, você só vai para a cadeira de observação e se for um grande bandido aí você fica com a bola, o que quer dizer que você vai tirar aquela bola do saco. O saco foi trazido pela professora. É preciso que aquela criança com o seu calor faça a bola passar de fria a quente então ela entrega a outra pessoa, que a entrega a seu professor, que a coloca de volta no saco. O professor recoloca a bola dentro do saquinho. - pois as fadas precisam de que vocês peçam desculpas! Depois de um tempo põe as capinhas sobre elas. Então elas não apenas observam de fora, mas precisam exercer algo. Isso nós podemos chamar de processo de avaliação. O propósito disso é manter a criança intacta como pessoa. Aquilo que é bom para as crianças, na verdade, também é bom para os seres humanos, ver de fora a sua trajetória, até que eles partam para o mundo.

A grande regra de avaliação é poder avaliar uma ação, mas não a pessoa!

É preciso separar a ação da pessoa. No Ensino Fundamental, o corpo astral, ou seja, a vida anímica do professor está ensinando ao corpo etérico, às

forças vitais do aluno. E a fase não é mais a da imitação, como era no jardim de infância, a chave agora é o respeito pela autoridade da vida interior do professor. Podemos até dizer que se trata da fase de respeito pela autoridade da vida interior do professor. Aí não se trata de você ter superado tudo na sua vida. Não é esse o ponto. O ponto é que as crianças sentem que você está trabalhando para superar as coisas em si, mesmo que você não tenha sucesso pleno. Façam isso. Eles procuram sintomas, sinais para saber se você é capaz de corrigir, superar erros! Essa é a verdadeira marca da pessoa que é uma autoridade. Elas não são marcadas pelos erros. Então, o objetivo no Ensino Fundamental é ensinar a partir do seu empenho de formar-se por inteiro. Existe uma técnica de atuação muito efetiva no Ensino Fundamental que chamamos de história pedagógica.

## ■ História Pedagógica

É uma história que é contada com a intenção de atingir a pessoa que a ouve. Ela é contada na sala de aula e todos podem ouvi-la. Essa é uma ferramenta muito poderosa com o aluno do Ensino Fundamental. Você conta uma história acerca de um problema que deve ser superado.

E uma grande fonte dessas histórias está nos mitos, lendas e contos de fadas. A tarefa do professor é buscar que cada história represente um tipo de dificuldade anímica. A grande força do currículo da Pedagogia Waldorf e de outras pedagogias está baseada no princípio da ação. Cada história traz como superar uma dificuldade anímica.

Um grande especialista em livros diz que o livro é uma discussão de diferentes órgãos do corpo humano, por exemplo, Júpiter tem relação com problemas do fígado; outros deuses com outros órgãos.

Por exemplo, você tem uma criança que é muito séria e introspectiva, tem problema com o fígado. Quando não consegue o que quer, diz coisas ruins das pessoas. Então, quando temos um aluno que faz, por vingança, malvadezas com os colegas, conta-se a história de Zeus e de Dionísio para toda a classe, que retrata o problema dela. Acontecem duas consequências com essa prática:

1a: é que a criança capta a mensagem;

2a: é que a criança percebe que você conta aquela história a respeito dela e que você a ama suficientemente para não apontá-la aos outros com a história pedagógica e o faz para ajudá-la. Isso faz com que a criança enxergue a sua humanidade, apesar de estar fazendo uma avaliação a respeito dela. Se isso não funcionar você precisa entender a qualidade do temperamento que está levando a criança a esse mau comportamento.

As crianças coléricas vieram ao mundo com a certeza de que o mundo aceita o jeito delas. Não conseguem entender porque ninguém mais enxerga e conserta esse mundo. Se for para corrigi-las, então, é necessário fazer de modo bem correto. Elas precisam ser orientadas de forma bem direta: – “não é assim que se faz, não se joga o papel no chão”, “recolher o papel no pátio”, apontar o que ficou malfeito. – É fogo com fogo!

Se a criança melancólica faz a mesma coisa, senta-se com ela no banco; põe a mão no ombro dela e diz: E se todo o mundo fizer isso? – Ela percebe.

O fato de você tocar o ombro dela faz ela sentir que você a ama, que você se importa com ela. Porque essas crianças se colocam num pequeno jardim murado onde moram dentro.

Nesses casos o corpo astral do professor está tocando o corpo vital da criança em suas qualidades morais. O corpo astral do professor está educando o corpo vital da criança.

Se a criança sanguínea está fazendo coisas erradas, então você dá um trabalho para ela do qual só ela tem de dar conta. Por exemplo, marcar o nome de cada um que entra, depois ela tem de fazer o relatório e levar para o escritório. Ou você dá a tarefa de anotar todas as recadinhas quando está dando a lição; assim, cria-se uma situação em que a criança percebe que a sanguinidade dela tem valor. A chave é você manter a criança intacta, mas é preciso usar essa questão dela como uma lição, que sirva de remédio. E esse remédio sempre é relacionado com a vida, porque afinal eles têm de lidar com todo o tipo de gente ao sair da escola, talvez encontrem melancólicos ou sanguíneos como chefe e assim por diante.

Para lidar com o fleumático é preciso mostrar que você segue um plano. Ao começar a dar problema é preciso saber que você tem um horário, um plano por que quando ele percebe que o professor fugiu do estabelecido, ele vai se tornar muito chato.

Um filho do palestrante teve como professor alguém que vivenciou experiências na guerra do Vietnã. Na aula de Matemática dele, quando alguém da classe fazia daquelas perguntas para desviar a atenção da classe, essa pergunta sempre era sobre alguma coisa da guerra do Vietnã. Isto é, os alunos sabiam qual era o temperamento do professor e usavam aquilo para fazer as suas experiências com ele.

Na classe sempre havia um que era designado para “apertar o botão”. Se aquele saísse um outro assumia. Então os alunos sabem exatamente onde estão os seus botões e como operá-los.

Assim é a avaliação do professor. Então se vocês, conscientes disso, perceberem isso, devem tentar reverter. Vocês sabem os temperamentos e sabem como trazê-los de volta; procurar histórias que possam ser contadas.



No Ensino Médio os alunos não são tão afetados quanto à orientação; eles odeiam orientação. Principalmente se o professor de Matemática assumir um comportamento próprio para o jardim de infância, com expressões como estas: “o que está acontecendo? Nós estamos aqui para aprender Matemática!”.

No Ensino Médio, o estudante respeita o quanto o professor domina, avalia a sua matéria.

No Ensino Fundamental, o aluno está mais atento como o professor trabalha em si mesmo. O aluno da creche ou do jardim de infância está interessado como o professor se comporta.

No Ensino Médio, o aluno quer encontrar no professor alguém que se colocou no mundo e venceu algo. Porque, na realidade, os alunos do Ensino Médio estão com medo de que muito em breve estarão na universidade, que terão que pagar seu aluguel e serão ninguém; agora ainda são considerados importantes.

Eles são tão contra a autoridade, mas por outro lado querem saber como é que esse professor sobrevive no mundo. Querem saber como o professor dominou a luta para conseguir esse conhecimento, esse poder no mundo. Na luta há uma espécie de poder. Eles querem saber de você, professor, como conseguiu esse poder. De que modo que ele usou esse conhecimento como um rei que sobreviveu neste mundo. Eles reconhecem que dominar esse conhecimento é como conquistar o poder. Querem saber de você como conseguiu esse poder. É um processo de cura.

Os processos de avaliação estão centrados na idéia da consequência!

De modo que não se pode usar a história pedagógica. Se você olha para o aluno do Ensino Médio, eles estão centrados na idéia das consequências. Se isso acontece, então acontece isso e acontece aquilo, e muito provavelmente são as consequências que vêm assim.

Você precisa estar consciente de que se você agir fazendo isso, acontecerá isso mais aquilo, e que você tem que lidar com as consequências assim, porque depois volta para vocês.

As consequências devem ser bem claras antes das penalidades aplicadas. Quando se estabelecem as regras os alunos participam da elaboração das mesmas. Eles não sabem as regras, mas eles têm uma participação, não só uma função. Isso significa que se os professores querem que haja um determinado tipo de comportamento, deve haver reuniões onde as consequências sejam discutidas e fiquem muito claras.

Um fato bem interessante ocorreu na Califórnia, nas escolas públicas. Havia um jovem no Ensino Médio que era caçador de patos. Os pais dele eram ativistas e ativistas usam armas. Esse jovem tinha o hábito de caçar patos antes de ir para a escola. Na Califórnia, é proibido andar com armas dentro do campus

do Ensino Médio. Houve um consenso entre os administradores de que armas não podem entrar na escola. Mas esse jovem era caçador. Um dia ele estava atrasado, cobriu bem a sua camionete e sua arma e a deixou a apenas dois metros da escola. O guarda da segurança estava fazendo a ronda com o cachorro treinado, que cheirou a arma. Foram até a classe e chamaram o aluno, abriram a camionete e lá estava a munição. Daí, a direção da escola convocou uma reunião com a presença do garoto e decidiram por expulsá-lo da escola. Mas os pais dele, que eram ativistas, defendiam que o filho deveria andar armado. Eles então trouxeram alguns advogados, que se reuniram com a direção da escola, chamaram a imprensa e então houve um julgamento. Começaram então a discutir com o diretor da escola para que ele readmitisse o aluno, afinal, ele tinha o direito de portar uma arma. Veio à tona o fato de que o aluno era campeão de fazer chacotas a respeito dos professores. Verificou-se que o aluno estava envolvido, nos últimos tempos, em mais de 20 acusações por uso de linguagem imprópria e várias outras acusações. O caso tomou dimensões tão grandes que o diretor resolveu levar ao tribunal da justiça. O tribunal reverteu a causa em favor do aluno e o mandou de volta para escola.

É um exemplo do que pode acontecer no Ensino Médio.

Então, no Ensino Médio, deve haver um tipo de acordo entre estudantes e professores sobre o que é e o que não é mais aceitável. Não foi o que aconteceu nesse caso. As regras geralmente são feitas sob pressão de fora, no caso citado, pressão política para a questão de se ter ou não armas dentro da escola. Lá, muitos dos pais têm armas.

A partir daí, vocês percebem que, em um caso como esses a linha moral é muito difícil de ser avaliada. Essa questão, nesse momento, pode até mesmo arrebentar com a escola e toda a região e toda a sua área estará fragmentada com isso. Não teria acontecido se de modo regular houvesse a participação dos estudantes nas questões que os envolvem.

A avaliação que vocês precisam fazer no Ensino Médio é muito próxima à realizada com um adulto, estamos lidando com um quase adulto. Tecnicamente, nesse caso, como a camionete estava estacionada a dois metros e meio de distância da escola, ele não tinha violado a regra, mas sim, sua atitude de ter usado a escola como um meio.

No Ensino Médio trata-se da atitude. A avaliação funciona; nesse caso, a escola ter dito “sim você pode entrar”, é a aplicação do conceito, em inglês, de “campus cobertura”, isto é, confiar na atitude do aluno e ter um professor que responda pela atitude dele. Então a avaliação no Ensino Médio como dinâmica social é bem diferente. Mas é importante separar o ser da atitude. Duas coisas devem ser consideradas na avaliação: a atitude do ser humano e aquele ser amoroso.

■ Dia 27/01/10

## As quatro etapas do exercício e os níveis de consciência

### Exercício com as fotos

Eu gostaria de olhar um pouco mais detalhadamente, com um olhar um pouco mais profundo, nessa seqüência de: **observar; representar; silenciar; meditar.**

Porque esses quatro processos representam níveis de consciência para os quais eu posso recorrer para trabalhar. Para professores é muito importante reconhecer os quatro níveis de consciência para saber o que os quatro representam. Existe uma espécie de ritmicidade que permeia os quatro passos e que é um grande auxílio na aprendizagem.

Então vamos fazer um exercício para explorar o ritmo.

Agora vocês olham para aquela pessoa com a qual vocês ainda não trabalharam. Talvez vocês trabalharam como parceiro e ele escolheu outra imagem. Mas isso não tem problema. Esse experimento mental é para você mesmo tentar explorar seu processo mental, sua conquista. Podemos fazer uma distinção entre olhar para uma coisa e olhar com ela.

Quando eu olho para uma coisa o olhar está num nível que poderíamos chamar de **terra**.

Olhar com consciência é o nível da **água**.

O que eu vou pedir para vocês fazerem agora é vocês olharem para essa imagem ainda sem trabalhar, imaginar que é uma força que vem de seus olhos, imaginem que essa força se origina de algum lugar próximo ao seu coração. Ela sobe, sai pelos seus olhos e vai até a imagem. Imaginem que vocês estão tateando a imagem com os seus olhos e tentem monitorar como os seus sentimentos sobem do coração até os olhos, vai lá e tateiem a imagem e como isso volta de lá como uma força que vai aos olhos e depois ao coração – silêncio - ouvir dentro do coração em silêncio! E quando estiverem no silêncio eu gostaria que escolhessem algumas poucas palavras para descrever a experiências desse tatear. Nós vamos fazer isso em 2 minutos de silêncio.

Na obra de Rudolf Steiner o tato é o sentido mais profundo. Todos os outros sentidos têm em si o elemento tátil. Quando eu entro em contato com esse elemento tátil, depois eu entro em contato com a minha imagem interior. Esse processo que nós acabamos de fazer é chamado de respiração d'alma. Sua alma respira de si mesmo para o mundo, e de volta. Se vocês quiserem maiores informações sobre isso leiam o livro de Rudolf Steiner "*Enigmas da*

*Alma*". Se quiserem informações bem mais difíceis leiam "*Antropologia em Fragmentos*". Eu creio que esses livros são a base da escola Waldorf. A base da razão pela qual a arte é tão importante na educação. Tem a ver com a idéia de "a redenção dos sentidos". E nós temos que redimir uma qualidade decedente que há em nossos sentidos. O mais problemático nos sentidos é quando dão a impressão de que os sentidos são separados de você. Por exemplo: no exercício das imagens vocês estão absolutamente seguros de que o papel não são vocês. O papel está em algum ponto lá fora; posso tocá-lo com os meus dedos. Toquem agora o papel com os dedos e sintam como ele é. Toquem o papel e toquem o seu rosto. Quando você está tocando o seu rosto você está tocando seu corpo. Quando você está tocando papel você está tocando em outra coisa.

Isso se encontra presente o tempo todo em todos os sentidos. Está no entorno, naquilo que você vê. Então quando você olha para o papel a partir de seus olhos é difícil separar a imagem do papel; e para sentir um determinado conforto é preciso tomar algo do papel e trazer de volta para si mesmo. Mas isso seria viver num mundo onde tudo estaria fora de você e você estaria totalmente alheio a você. Você passaria o tempo todo pensando em criar a amizade. Que fundamentalmente nós criamos amizade por pegar algo que está fora, e levar para dentro. Você pode trazer o papel para dentro de você que está relativamente fora de você. De modo que você traz uma parte desse papel para dentro de você. Trazendo esse papel para dentro de você é como uma imagem de sua memória, como foi esse tocar no papel.

Isso é um processo de respiração na alma. Quando você forma a imagem interior aquele papel se tornou você.

É um processo que Rudolf Steiner denominou "enalmamento"- *Be-sehlung*-. Ele usa essa palavra muitas vezes porque o propósito do processo do ser humano é de "enalmar" o mundo. A alma do mundo e a minha alma precisam ser levadas a se encontrar. Isso acontece naturalmente no processo sensorial, mas nós temos que nos tornar conscientes disso.

Gostaria agora que olhassem para aquilo que escreveram sobre o exercício. Aquilo que vocês descreveram surge num estado separado do ser. Temos de distinguir entre ver uma coisa lá fora e ver como é o processo interior; não é a mesma coisa.

Se você consegue perceber essa diferença daquilo que está fora e daquilo que está dentro, essa diferença é que nós chamamos de terra. A experiência de muitos é dessa consciência terra, não é eu. Isso não é eles, não sou eu, não é Eu e eles. Eles passaram uma boa parte do tempo procurando o que eles possam "enalmar". Essa experiência nós chamamos de melancólica, é uma consciência de estar na terra, consciência terrestre.

Ele fala de um hóspede distante em terra sombria. Eu vivo num mundo em que nada é 'Eu'. Esse tipo de consciência é a consciência de estar na Terra. É uma espécie de temor, consciência de que não é meu, é deles. Imaginem despertar toda manhã num mundo onde você não consegue se encontrar. Algumas crianças têm isso quando são pequenas e isso emerge com muita força quando estão no Ensino Médio. Esse estado se encontra de modo muito especial e intenso no sentido do tato. O ser humano pode controlar esse sentido. Pode ser assim, desse modo: tocar com a ponta dos dedos. Agora apenas toquem com a sua mão na mão dele, sinta a diferença, algumas palavras cutucam, algumas imagens também e outras acariciam. Esse sentimento está o tempo todo presente.

***O tato é o único sentido que une e separa ao mesmo tempo.***

Nós apenas esquecemos que esses sentimentos estão presentes principalmente quando escrevemos alguma coisa.

Escrevam o seu nome (fazer) – simples, legível. Peguem os dedos, peguem o lápis ou a caneta bem na ponta. Qual deles você teve de prestar mais atenção? Peguem o lápis e segurem como ele está mostrando (pela pontinha). Fechem os olhos e vão descendo bem devagarzinho e sigam na ponta até que a ponta apenas toque o papel. A sua atenção está agora atenta ao lápis. Você pode descobrir que com essa ponta bem delicada você escreve. Agora apenas pegue a caneta ou o lápis e escreva o seu nome (fulano, ciclano). Tentem agora com a consciência no sentido do tato, na ponta do lápis. Agora vocês podem experimentar, vivenciar consciência terrestre.

Rudolf Steiner diz que o tato é o único sentido que une e separa, ao mesmo tempo; todos os outros sentidos, de certa forma, encerram-se no tato.

Essa consciência terra nos leva naturalmente para a consciência do elemento água. Podemos fazer uma experiência em ligação com a consciência aquática.

Então, vocês podem olhar firme para essa terceira imagem e tentem segurar firme essa imagem interna, a imagem dessa experiência.

Existem exercícios que podem ajudar a participar dessa correnteza.

Quando você faz o exercício para fixar uma imagem, o corpo vital está tentando desenvolver aquela imagem. Então eu preciso fazer um trato com o seu corpo vital. Eu digo assim: eu quero fixar uma imagem que tenha tal altura, de tal modo. No meu curso em Sacramento nós temos um pórtico para esse tipo de problema, é o A-B-C. A imagem que você está olhando é B. Nós perguntamos duas coisas:

Como era essa imagem um pouco antes de tirar a foto e como será um pouco depois de tirar a foto?

Eu quero imaginar aquela pessoa ao chegar até aquela posição em que aparece indo adiante, saindo daquela posição. Se eu pegar, por exemplo, esse

homem esquisito com o chapéu e esses óculos. Eu posso perguntar: ele acaba de pegar esse óculos da mesa, ou tirou do bolso? E quando isso terminar ele vai colocar no bolso ou na mesa? Não importa qual seja a opção.

O que realmente importa é a seqüência das imagens e não apenas o que reflete. Porque o seu corpo vital deveria estar atuando. Mas você com a sua consciência está controlando a imagem. De modo que você está entre terra e água. Então façam um experimento com essa imagem que estão trabalhando agora com A-B-C.

Esse exercício de A-B-C é uma forma muito boa de treinar a imaginação, resolve o problema da dissolução da imagem. Pode mudar qualquer seqüência das letras dessa imagem – B-C-A, por exemplo. O que importa é que você está determinando qual é qual: o A, o B ou o C. Da forma como hoje trabalhou o ABC, amanhã trabalha o B-C-A. Hoje podem achar perfeitamente correto, mas amanhã acham que não está correto. Se você fizesse dessa vez A-B-C e mudar todo o dia durante a semana, você desenvolve o seu processo criativo. Eu chamo isso de olhar com a imagem. Não há nada de errado que se possa fazer nessa prática, a não ser separar. É uma prática que se autocorrige. Então nós temos que observar e representar.

Observar - Terra

Representar - Água

Fazer A-B-C - daí vamos para o silêncio. O melhor modo de fazer o silêncio é pensar o A-B-C ao contrário.

Quando me perguntaram se havia material a ser sugerido para se preparar para a palestra, eu sugeri a contemplação de imagens do espírito.

Com esse texto, Rudolf Steiner está falando aos operários da construção do Goetheanum, ensinando-lhes o modo mais eficiente de meditar. Dentro disso ele fala que é absolutamente essencial aprender a pensar para trás. Ele fala também de cultivar o tédio. Com isso não quer dizer – estar entediado – e sim, eu cultivo o meu tédio, a minha monotonia. Façam esse exercício umas dez mil vezes, consciente.

### **O consciente aqui é o silêncio.**

Eu penso A-B-C-, consciência aquática, e depois eu tenho C-B-A; eu estou cultivando o tédio. Isso ao mesmo tempo é aprender a pensar para trás. Com esses dois exercícios, vocês estão fazendo um enorme de um trabalho. E uso isso para o preparo de aula. Como?

As pessoas costumam dizer: “Mas você levanta e fala uma hora e meia sem uma anotação”. A resposta é assim:- eu faço A-B-C e B-C-A - isso revigora toda minha palestra completa. Se eu não faço C-B-A, eu posso saber que toda a minha palestra ainda não é assimilada por meu corpo vital, ainda existe resis-

tência ao meu corpo vital que está bem na minha alma. Depois que eu consigo pensar todos os pontos retrospectivamente eu me aproximo mais, de modo que eu penso (vou colocar o papel) ‘no bolso’ mas nunca preciso dele.

Porque o meu corpo vital já está participando do seu proceder. Esse processo que estou fazendo agora com vocês é muito, muito prático para os professores. O modo de absorver traz tremendas informações quando você está se preparando para a época. Quando está preparando a época você sempre está pensando em decorar, sempre na direção normal, você aprende a pensar e descansar. Se você quer pegar os temas que você quer estudar para apresentar pelo A-B-C e daí pega C-B-A e depois você escuta o silêncio, C-B-A. E esse silêncio é revigorante. Isso permite que aquilo que vocês estudaram se aprofunde em vocês, sem ter o estresse ou tensão em segurá-los.

Isso deixa transcorrer sua aula muito mais natural. Você não precisa se preocupar de estar segurando isso em sua alma. É uma espécie de “graça” na sua apresentação.

Poderíamos chamar o silêncio de consciência doada - do ar - aérea. Porque você deixa fluir, deixa ir o que você acha que tem de acontecer.

Há um segredo, e o segredo é que aquilo que você deixa ir ao mundo depois de um trabalho digno. É a qualidade da oportunidade que o mundo espiritual lhe devolve corrigido. Se você faz esforço para dar forma a isso, é vontade. Se você faz um esforço de pensar retroativamente voltará ainda mais forte.

E finalmente chegamos à consciência do fogo.

Na consciência do fogo é registrado o que acontecerá. Vejo algo que queima, é a ação **do fogo**.

O mundo espiritual nos olha de forma excepcional e daí vamos ajudá-lo. Daí vocês chegam ao terceiro nível: **o da vontade**.

Essa pesquisa nós podemos chamar de **vontade de ar**.

Agora você recebe a ajuda do mundo espiritual por poder apresentar aquilo que você trabalhou para esquecer.

Certa vez eu tive que dar aula para professores da escola pública. E eu disse para eles que a coisa mais importante para os alunos era ensiná-los a esquecer. No mínimo, eles acharam: Quem convidou esse maluco?

É possível realizar esse processo em si mesmo, encontrar os caminhos para realizá-lo com os alunos. Isso não nos tirará a atenção da aula. Isso dará motivo para a revisão que você nos apresentou - se você trabalhar com isso, observará que cada dia fará a renição e ela se apresentará de forma diferente.

Esse é o terceiro passo daquela linha: observação - representação- silenciar - concluir/ registro. Eu espero que repetir não seja chato demais.

No terceiro dia estarei trabalhando sobre a mesma coisa e acho que deve estar ligado a isso, às diferentes abordagens e pontos de vista.

É isso que Steiner sabia, que o trabalho que deixa a gente louco, por dentro da lei. Ele, inclusive, muda o ângulo sobre o qual ele olha o tempo todo. Ele está dizendo para nós exatamente isso.

Isso mantém vivo o seu entusiasmo pelo trabalho.

Finalmente chegamos à consciência **do fogo**.

Consciência **do fogo** é registrar o que aconteceu. O que mantém quente é a ação do fogo. O que sobra do fogo é a cinza. O que você deixou depois era cinza do seu processo criativo. O fato de ter vontade de escrevê-lo é o fogo. No silêncio surgem idéias diferentes, a cada vez que você faz o exercício. É sua habilidade de se mover em cada diferente aspecto da lição, isso é fogo. Depois colhe as cinzas. Mas as cinzas contêm em si a semente da próxima aula. É só o modo de ver as cinzas, é queimar o que você coletou. Nesse registro não é tão importante o que **you** registra, mas o fato de que você registra. Amanhã você vai achar que é isso. Você sempre faz isso: repete, repete, repete. Começa a intuição - e ela é muito poderosa. Há intuição quando há contato com o anjo da sua classe. O arcanjo da turma é a combinação dos anjos de cada um dos alunos com o seu anjo. Você pode aprender a ouvir esse ser quando você quiser inspiração. E quando você busca um lugar diferente para falar, eu tento ouvir o arcanjo daquele grupo. Se você quer que eu diga alguma coisa a você, você vai dizer quais são essas coisas. Se eu começo a falar e passo por passo visualizo, o arcanjo vai me dizer o que é necessário.

Rodolfo Steiner falou sobre isso aos professores da primeira escola Waldorf. Quando vocês se encontram no colegiado de professores, tentem imaginar o anjo de cada participante resultando em um arcanjo.

O arcanjo do grupo se forma cada vez que o grupo se reúne. Quando as crianças estão no seu trabalho você pode aprender a ouvir aquele ser. Ontem nós dois devemos ter tido aquela experiência de uma onda de entusiasmo se formando. Houve o silêncio, depois algumas pessoas falaram, depois mais algumas e mais algumas até que houve uma onda de entusiasmo. Isso é quando o arcanjo se forma no grupo. Como as coisas são podem trazer imaginação. Isso é uma técnica boa. OK?

## Exercício com a terceira imagem

Tentem segurar um pouco essa imagem e tentem pensar ao contrário, depois o silêncio, depois tentem formar um sentimento daquilo que a pessoa faria na vida.

Anote isso e o compartilhe com o seu parceiro. É bem importante. Pensem um pouco sobre isso. Rembrandt começou a sua vida artística como pintor e teve muito sucesso como retratista de gente rica. Ele começou a tra-



balhar quando a Holanda se tornou uma grande potência mundial da classe mercantil e começou a comercializar o linho. Descobriram que o tipo de solo da Holanda se prestava muito para o plantio do linho. Como se plantou muito linho passou-se a produzir o tecido do linho e era possível fazer grandes telas que foram comercializadas. Isso fez com que a classe mercantil rapidamente se expandisse em riqueza e poder. Com a grande quantidade de cultivo de linho na Holanda, também produziram o óleo de linhaça. O óleo de linhaça foi aproveitado para a pintura de telas. Então, Rembrandt encarnou no momento em que se produziam grandes telas e se pintava com óleo. E como essa camada social tornou-se muito rica, todo mundo queria ser retratado. No começo da vida ele tornou-se um retratista de grande sucesso com essa classe média emergente.

Então, ele passou várias tragédias em sua vida. Muitos vórtices abalaram-se em torno dele. Isso foi na época da reforma religiosa. Idéias políticas e religiosas se embateram com muita força. A mãe dele era meio louca e as autoridades da igreja queriam prendê-la, dizendo que ela era contra a igreja, era uma bruxa. A vida pública dele era um insucesso, a sua vida particular era trágica. E a sua experiência de vida foi: começar rico e terminar na miséria.

Houve o seu despertar para as imagens da Bíblia e a sua intenção era trazer as imagens da Bíblia para o povo. Isso era o seu objetivo, mas o seu interesse era o de vender retratos. De modo que a visão de seu coração foi de encontro com a tendência do momento. Ele teve de se resignar a fazer retratos das pessoas a quem devia dinheiro. Era como se fosse gratuito.

Essas três imagens com que estamos trabalhando estão repetidas. Para as pessoas a quem ele devia dinheiro e ele não tinha como pagar, ele dizia – não tenho dinheiro, farei um retrato pelo seu serviço. Retratos feitos no fim da sua vida perderam em qualidade. Eram funcionários, pessoas do governo que cobravam impostos e ele prometia retratá-los.

A pessoa à esquerda com o chapéu e os óculos tem cara de total otário!

A imagem do homem é de um editor.

Rembrandt perdeu a esposa e os filhos com a peste, ficou sem família. Ele tentou ganhar dinheiro fazendo gravuras de paisagem da Holanda. Hoje nós chamaríamos de um livro de viagem.

O outro é um pregador carismático. Era uma época de grande intranquilidade religiosa na Holanda. Época da Reforma. Se você não acreditasse no que a outra pessoa acreditava já era motivo de discórdia. As autoridades vinham questionar que você não acreditava nas coisas certas: a Inquisição. Havia muitos pregadores falando de uma nova era. Esses viajavam de cidade em cidade pregando seus sermões e buscando novos fiadores. Naquela época da Reforma havia muitas crenças diferentes.

Rembrandt tinha amizade com muitas pessoas de crenças bem estranhas – chamaríamos isso de liberal.

A razão pela qual eu estou trazendo isso é para contar com mais elementos para o currículo Waldorf. Se eu simplesmente tivesse dito a vocês quem esses três eram, o motivo seria diferente, mas como eu coloquei tudo isso no contexto da biografia de Rembrandt e no espírito daqueles tempos teve muito mais sentido e trouxe mais um exemplo de “enalmamento”.

É indiferente se for professor de Matemática, de Ciências ou de Geografia, a biografia é muito importante, mesmo no Ensino Médio. Deu para perceber agora? Quando eu tinha exposto para vocês o espírito da época e da vida de Rembrandt, quando falei do legista, tinha todo um sentido de um período.

É mais um exemplo de despertar no outro. Eu gostaria que vocês agora olhassem para a última imagem, à esquerda, das três pessoas. Essa época na História é a época das pestes.

As pestes criaram situações que forçaram as pessoas a irem ao campo e pedir. Para Rembrandt as pessoas que tinham encontrado a desgraça, a fome, eram como aquelas das imagens de lutas evocadas pelas palavras da Bíblia. Havia na cidade muitas pessoas doentes e, na sua imaginação, ele pensava que era como nos tempos bíblicos. Essa é a fonte dele, pois pensava em pintar todas essas imagens da Bíblia como uma espécie de força curativa aos males da sociedade de seu tempo.

Com essa imagem nós vamos dar um passo adiante no nosso trabalho acerca dos quatro níveis da consciência.

Eu quero que com seus parceiros vocês escolham, em dois minutos, duas pessoas do quadro e trabalhem com elas.

Agora quero compartilhar com vocês uma técnica de tornar o trabalho ainda mais forte. Para que a alma de vocês tenha todas as possibilidades. A capacidade da alma é uma capacidade que está latente/ adormecida. É como um potencial. Para que essa capacidade se torne útil a vocês, vou puxá-la para fora e colocá-la a trabalhar. Essa capacidade deve ser despertada dentro de outra pessoa.

Vocês escolheram com os seus parceiros duas pessoas. Vocês já conhecem a técnica da vontade, dos sentimentos e do pensamento da pessoa.

Eu quero que um da dupla faça esse exercício da vontade, do sentimento e do pensar com uma das figuras. Outro parceiro faça o exercício da vontade, do sentimento e do pensar com a outra figura. Façam isso em silêncio.

Escrevam em poucas palavras o que veio à tona nesse processo. Nós estamos dentro da casa, por favor, façam isso em silêncio. Temos três minutos para fazer isso: pensar, sentimentos e vontade.

Por que você escolheu o exercício com essa pessoa?

Ao trabalhar com uma obra de arte, você se exercitará a se tornar os diferentes elementos dessa gravura.

Amanhã nós vamos trabalhar a outra imagem, aquela do Cristo curando o doente.

Todos os exercícios que nós estamos passando agora são preparações para aproveitarmos bastante aquilo. Mas não vamos trabalhar com isso agora. É útil você perceber que, quando você olha para aquela figura da pessoa, você se torna aquela figura, quando você se torna aquela figura tente então se configurar de modo a ser ela. Algumas pessoas têm grande habilidade em fazer isso.

Minha cara esposa é professora de jardim. Ela tem profunda habilidade de se tornar a outra. Quando ela está no telefone eu sempre sei com quem ela está falando. Ela fala do jeito que a pessoa que fala com ela está falando. Ela até muda o tom de voz quando está falando, é qualidade muito útil ao professor.

Vocês olham para a imagem e para aquilo que eles estão fazendo. Temos de fazer mais na consciência ainda, então é bom imaginar: o que aconteceria se as imagens trocassem de lugar? Fizeram o esboço de uma das figuras; o parceiro fez o esboço da outra figura. Agora conversem com os parceiros sobre como as coisas iam mudar se as duas figuras trocassem de lugar.

Essa conversa que vocês tiveram agora é sobre algo que é real. Isso é uma pergunta?(risos). No trabalho com imaginação não importa se é real. O importante é que vocês se repitam sempre, de modo que se vai corrigindo. À medida que vocês vão repetindo esse trabalho vocês chegarão àquela experiência interior, o que Rudolf Steiner descreve em sua obra “Saúde e Doença”. Ele diz: – No mundo espiritual não existe certo ou errado. E por isso eu digo – não há culpa –. Não tem certo e errado no mundo espiritual. Mas existe saúde e doença e a questão então é – se eu insisto em fazer isso eu trato a saúde ou a doença?

Nos termos no Ensino Médio você fala de conseqüências. Essa pergunta se refere ao estado de saúde ou de doença?

***Os exercícios de formar imagens de outras pessoas e especialmente as de outras pessoas – são as que conduzem à saúde. Porque se eu consigo despertar um grande número de pessoas elas começam a me curar. Eu começo a ver o processo da minha doença ao imaginar o modo como elas levam suas vidas. Isso me concede compaixão por eles e por mim mesmo.***

Amanhã nós vamos trabalhar com imagens de Cristo curando doenças.

Hoje à noite eu quero que façam o seguinte: Eu quero que vocês trabalhem com aquele quadro, tocando-o com os olhos.

Um bom exercício é fazer o seguinte: virarem a imagem de ponta-cabeça e vocês entrem nela tateando-a pausadamente com os olhos. Apenas deixem

que os seus olhos se movam lentamente, atravessando a imagem. Vocês verão que lá tem uma área que seus olhos querem ir. Aí vocês anotem onde é, e esqueçam. Algumas horas depois o façam novamente antes de dormir. E ao acordar, peguem o quadro na posição correta, normal e deixem os olhos passear e verifiquem que existem mais algumas áreas onde os seus olhos querem ver.

Isto é permitir que a intuição leve você para dentro dessa imagem. Se vocês prepararem desse modo à noite, de manhã poderão trabalhar com essa imagem e terão uma grande experiência. Obrigado.

## Tarde:

### ■ Observação de Crianças

Existem muitas perguntas, mas a maioria trata de tutoria, ou de estudo das crianças.

Eu vou ocupar o espaço na lousa para mostrar como trabalhar com a criança e com os colegas. Os passos são semelhantes, mas os espaços são separados

Crianças	tutoria	
1. Observar	1 a 4	É muito importante
2. Representar	Pergunta	separar
3. Silenciar		os passos
4. Formar questões		

Há diferenças entre trabalhar com o estudo da criança e dos colegas.

No estudo da criança é preciso observar. Observar o ritmo na vida cotidiana da criança, por exemplo, a que horas da manhã ela se levanta.

Essa criança consegue manter-se ou não no pé esquerdo, e consegue muitas coisas, uma infinidade de coisas.

O objetivo da observação da criança é ver como ela está e dar um reforço naquilo que você percebeu. Ir para a casa e repetir no seu próprio corpo o que a criança está fazendo.

Você vai representar – representar a criança - dentro do seu próprio corpo como ela se sente: o modo como ela anda, move as mãos, juntam uma com a outra.

Como Rudolf Steiner dizia com muita frequência: observar como as pessoas se sentam e se levantam.

Tentem imaginar onde os sapatos das pessoas estão gastos, de que modo pisam no chão quando vão de um lado para outro; andam de frente para trás; quando estão imersas numa tarefa, botam a língua para fora? Isso se chama confiança. Se ela dá golpes de língua, por exemplo. A criança que tem algo com a língua tenta compensar aquilo que não cabe muito bem na sua organização interna, não é necessário saber disso tudo, mas é muito útil fazer o que elas fazem - observar e representar.

É fundamental nesse trabalho que se separe os passos daquilo que se está fazendo. Ou seja, não querer realizar tudo de uma vez só. Aqui você vai observar primeiro e mais tarde você vai representar. (O objetivo da observação é repetir no seu próprio corpo o que a criança está fazendo).

Quando os gregos queriam ensinar o artista como observar, eles colocavam o modelo numa casa e havia um longo caminho coberto até chegar ao estúdio. Não se permitia que se observasse o estúdio, nem desenhasse o observatório. Eles queriam que, andando pelo caminho, tudo o que você observou chegasse até os seus membros. Daí é necessário separar algo observado de algo representado. Observem a criança movendo-se. Façam para si mesmo anotações daquilo que vocês vão necessitar para fazer naquela noite. Façam aqueles movimentos todos; observem no espelho para ver se vocês o estão fazendo corretamente. Ouça o seu próprio corpo e perceba onde está a tensão daquele movimento. Você vai sentir, a partir dos seus músculos, quais músculos a criança está usando para manter o seu equilíbrio. Igualmente que tenham feito os movimentos e ouvido os sentimentos para trazer para o silêncio. O melhor silêncio é dormir. Se você tem como prática passar todo o cotidiano na retrospectiva, será muito útil passar retrospectivamente a criança em questão.

Rudolf Steiner chama isso de retrospectiva. Na minha avaliação é o exercício mais criativo e poderoso que Steiner deu. Se você realmente quer tocar a alma de uma criança faça a retrospectiva primeiro e ali faça a representação. Sempre que você faz isso, com essa atividade você adentra o mundo espiritual onde você se une, torna uno, com a criança durante a noite. Segundo esse processo você está fazendo o CBA durante o dia. Com isso eu tiro do caminho tudo o que está atrapalhando. Isso é igual à retrospectiva do meu dia. Ao terminar a retrospectiva eu serei um tipo de ser humano diferente do que antes. No espaço silencioso eu coloco uma pergunta para o anjo dessa criança. A pergunta é - como foi que o Joãozinho veio a mover-se desse modo? Eu faço esse movimento e vou dormir. Esses movimentos passam para dentro do mundo espiritual como uma realidade.

Não há substantivos no reino dos mortos, disse Rudolf Steiner. Só há verbos, fazeres, ações. O verdadeiro verbo, a verdadeira palavra do homem é o

verbo. É um vir a ser criativo. Poderíamos dizer, é um movimento, então quando eu realizo um movimento é o equivalente a uma palavra no mundo espiritual. Se os senhores estão preparados fazendo algo, como uma retrospectiva diária, essa palavra vai diretamente ao ponto aonde ela tem de ir. E o meu anjo diz ao anjo da criança: como é que é isso? Eu quero dizer isso em pleno silêncio. Isso é muito efetivo. Eu tenho que me preocupar conforme isso ou aquilo porque eu vou para o outro o lado agora.

De manhã, quando eu acordo, eu farei mais registros. Eu vou registrar pela manhã qualquer pergunta que eu tenho agora. Eu formulo perguntas que trago comigo quando volto do sono. Eu tenho uma luta com uma criança que está em questão ou a escola vem tendo problemas como uma criança em particular. Aí eu faço esse trabalho e talvez eu tenha mais três ou quatro colegas que fazem o mesmo trabalho e isso é ótimo. Uma vez por semana eu me encontro com esses colegas. Eu pergunto a eles - que perguntas surgiram? De você para você, no caso do Joãozinho? Aí nós conversamos sobre a natureza dessas questões – “esse aspecto eu não percebi”, por exemplo. Afirmarções matam o processo – preconceitos também. (deu exemplos, como dar rotulagens, chamar de “perdedor”). Temos de evitar rotular a criança nesse trabalho. Nós queremos manter as perguntas sobre o Joãozinho e os seus problemas no âmbito sagrado. Mantenha isso perto dos anjos por algum tempo. Só permitam a seus colegas fazer perguntas e não fazer afirmações. Se houver quatro pessoas atuantes que se reúnem por algumas semanas, vão ver o que vai acontecer com o Joãozinho.

Porque a chave de tudo isso é a qualidade de atenção e, na verdade, é isso que ele quer. E se ele não receber essa atenção que ele quer por bem, ele vai ver se consegue de outro jeito. Por meio dessa atividade, você e seus colegas estão oferecendo a melhor e mais honesta qualidade amorosa de atenção. Isso é o melhor que pode haver, a sensação de que os adultos que estão com ele o carregam no seu coração.

Alguma coisa que talvez pudesse oferecer a ele diretamente, quem sabe ele apanha toda noite ou outra coisa similar. Então é extremamente útil para ele levar ao mundo espiritual esta situação: então eu o observo – e faço a representação com os próprios movimentos. Levo isso para silêncio, para o sono e na próxima manhã eu tenho as perguntas. Uma vez por semana com os meus colegas de confiança eu compartilho isso. Depois de duas semanas ou algo assim, se não der certo, faço algo diferente; vejo os próximos passos, procuro os pais e assim por diante. Um plano diferente com os adultos. Uma vez os pais envolvidos, a qualidade do estudo é diferente. É difícil cercar o aluno por adultos.

## ■ Tutoria

A qualidade da abordagem é diferente. É difícil. Adultos de modo geral preferem que não se interfira diretamente. Por essa razão começamos com variações um pouco diferentes dessas técnicas. É difícil fazer isso com os pais, mas podemos fazer isso nas questões de tutorias.

Começamos com os quatro passos como uma variação.

Podem observar o professor em classe dando aula, fazer anotações sobre os gestos, todo procedimento dos passos – vontade - sentimento - pensar. À noite posso evocar o clima de certos movimentos - se já sou mestre - já sei onde o problema se encontra. É ruim se eu, no dia seguinte, de manhã, entrar na sala e disser - Por que você não fez assim? Teria sido melhor fazer assim, em vez de fazer como fez. O professor imediatamente se sentirá atacado.

(O palestrante disse que trabalha bastante como tutor nos EUA)

A qualidade de abordagem da criança é diferente do adulto.

É preciso diferenciar o modo de abordar crianças do modo de abordar adultos. Não é possível ensinar adultos com a autoridade. Eles se ressentem com isso. Você pode ensinar o adulto com senso de colaboração, no sentido de convidá-lo a cooperar. Então eu entro na classe dele, eu observo e se for mestre eu reconheço: “isso aqui é uma dificuldade”. Vou para casa e à noite faço uma representação do ponto que eu levantei e levo isso para o sono. Mais uma vez estou separando a observação da representação. A pior coisa é recorrer a uma consciência de prancheta. Consciência de prancheta em ação: O professor está na frente da classe e outro está no fundo da classe com uma prancheta, aquela coisa. Isso realmente não seria uma boa seção de tutoria. Se eu sou um professor Waldorf mestre, eu naquele momento vou pescar. E o que eu estou pescando nesse momento como tutor é uma história pedagógica que eu possa trazer para esse professor. Eu suplico aos anjos uma inspiração para eu encontrar a história que eu possa sugerir ao professor. Eu estou procurando um mito que se adéque a esta situação. Mito é história pedagógica para adultos. Já que eu sou professor mestre devo ter uma boa reserva de mitos no meu bolso. Quando sou professor mestre e exercito levar essa representação, exercito levar esse gesto do professor para o sono, o que ouço de manhã é uma dica, é um tipo de mito. Eu então vou chegar ao professor e pergunto - Como você acha que está indo essa parte da aula?

O tutor pode pedir que o professor pense em um mito, algo de sua infância. No próximo encontro fala de mitos.

Quando então você volta, eles já sabem que você vem. Você está colaborando com ele.

Em crianças a atuação é sobre ela.

Em adultos – trabalha-se com acordos entre as pessoas.

Exemplo de como uma tutora teve de pedir ao professor muito bonito que não conseguiu controlar a classe dele: Ele dava uma aula muito bonita, mas as crianças ficavam completamente fora. O jovem tinha um canto da sala só para ele, com vidros, plantas e uma mesa, que ficava perto da porta. Ele ensinava atrás daquela mesa. Enquanto ele falava, as crianças faziam o que queriam. Ele tinha medo de sair detrás da mesa. Ele amava as crianças e elas também o amavam. Elas sabiam que estavam indisciplinadas.

Então a professora tutora perguntou: Como é para você sua fortaleza? Ele não tinha reparado que havia uma fortaleza ali. Ele ficou surpreso de ela pensar que a mesa fosse uma fortaleza. Como seria tirar as plantas de cima de sua mesa e deixá-la livre e colocar a estante ao lado da mesa?

Quando ela fez a pergunta e olhou para o rosto dele, ela percebeu que o que ela disse foi como um tapa na cara. Ele pensou: “meu Deus - não tire a minha fortaleza”. Mas tirou a fortaleza e melhorou muito. As crianças sentiram mais a presença dele, sentiram que o professor estava com elas.

Mas o meu ponto é abordar pela imaginação, observação e perguntas. Com o trabalho interior, o anjo do professor atua com o anjo do tutor sobre coisas simples como estas. Aí você pode perguntar ao professor sobre o mito de sua infância – ou um conto de fadas que o acompanhava, ou uma história que era como parte da sua lenda familiar e que todos da família acompanhavam. Como era a história para as crianças? Você demonstra atenção, você faz perguntas, dá sugestões. Eu vou pensar o que eu gostaria de trabalhar com vocês. Você escolhe um mito sobre o qual você gostaria de trabalhar e eu vou pensar num mito que eu gostaria de trabalhar com você. E no encontro de tutoria a gente não vai falar de negócios, vai falar de mitos e eu preciso disso. E quando você aparecer como tutor, essa pessoa está de acordo e está sabendo, ao longo do dia, que você está sabendo disso. Ela sabe que quando eu entro no seu carro no estacionamento, ela pode esperar o retorno.

Vocês querem então que a primeira parte do seu encontro seja estruturado de modo que ele sinta que se está como que vinculado a um anjo. Não é o exemplo que eu dei sobre a criança, pois ela percebe aquela sensação apenas pela atenção que você e seus colegas concedem aos anjos. Mas vocês são adultos e deve haver acordos entre as duas pessoas. Você não pode deixar tudo a cargo de um anjo o que você está trabalhando meditativamente sobre aquela outra pessoa. Então, a idéia era essa; quando nós estudamos, nós estamos colaborando e trabalhando em conjunto sobre como podemos trabalhar um mito meditativamente.



## Como se medita um mito?

Você escolhe um personagem. Você imagina que tipo de impulso de vontade, de pensar e de sentir está sendo usado por esse personagem. Que tipo de sentimento ele tem? Que tipo de pensamentos o personagem está usando para pensar correto? Que papel o personagem faz através da história?

O passo mais importante do mito é o arco do personagem na história. O movimento que o personagem faz através da história é chamado de arco do personagem.

Quando se fala em mito é muito útil ver o diagrama que diz o seguinte:

O professor deve fazer isso sobre o mito que ele escolheu.

O Tutor deve fazer isso sobre o mito que ele escolheu.

É o diagrama da jornada desse personagem através do mito. Então, aqui começa a história em que Zeus... e vai preenchendo com mais detalhes: Daí ele encontra uma mulher, depois a esposa – traz flores para a mulher, quem sabe ela volta etc. Trabalhar o mito do personagem nessa dinâmica. O tutor encontra um personagem e traça a curva desse personagem, o professor desenha e o tutor também. Esta é a curva do personagem.

Quando encontrou essa pessoa que está trabalhando como pintor você vai desenhando a curva conforme o personagem.

O professor vai desenhar a curva do personagem do mito que ele acha. Daí você, como tutor, com o mito dele pode surgir uma conversa e pode surgir um caminho através das dificuldades.

## Houve uma pergunta sobre roubo na escola

O roubo é problema do materialismo. O jovem tem problema com o materialismo. Materialismo significa que umas pessoas têm, outras não têm. Eu sugiro que solicitem ao professor que trabalha com artesanato uma imagem do que poderia ser feito. Vocês podem pedir a alguém que mora em fazenda que consigam umas penas de aves grandes. Peçam que todos na classe façam uma pena para escrever. Raspem a parte interna, cortem a pena, cortem o ângulo, faça outro ângulo, faça um corte no meio, coloquem num balde com amônia e areia. A amônia melhora a forma, endurece a proteína da pena.

Peçam aos alunos que têm um fogão a lenha para rasparem a fuligem de dentro da chaminé, o alcatrão. Peguem pregos enferrujados e joguem dentro da fuligem; fervam mais ou menos duas horas e a água que sobra é uma tinta. Com essa tinta Rembrandt fazia os seus desenhos.

Peçam para trazer jornais, deixem de molho e passem no liquidificador. Você tem a tela quadrada; afundem na água agitada com a massa de papel e suspenda; na tela sobra uma folha de papel.

Agora você tem pena, tinta e papel.

O professor de artesanato faz uma caixinha especial para guardar a pena. Agora ele tem as penas, com um pouquinho de tinta e um pedaço de papel enrolado.

Assim os alunos percebem que objetos não são feitos para jogar fora. Se eu tenho uma caneta normal e alguém rouba - é só comprar outra! Mas se alguém rouba essa caixinha com a minha pena, a minha tinta, meu papel, ah! Porque se alguém roubar vai pagar por isso.

Por quê? Porque são objetos que representam um profundo ato de vontade. Esse ato de vontade se espalhará como uma espécie de força criativa contra o roubar.

## ■ Dia 28.01.10

### O movimento dos olhos humanos

Há muitos segredos nos olhos humanos. Um deles é quando você olha alguma coisa, os movimentos dos seus olhos criam forças no seu corpo. Nós não temos tempo de entrar em detalhes, mas existem movimentos extremamente delicados que são criados pelo modo com que os olhos se movem para ver alguma coisa.

Rodolfo Steiner dá a imagem de que no nosso cérebro, e especialmente no nervo ótico, existe um homenzinho. No momento em que você olha para determinada coisa esse homenzinho está fazendo uma série de euritmia; os nervos dos seus olhos são conectados com os centros emocionais muito primitivos no seu cérebro. Então, quando vocês estão olhando, se seus olhos estão se movendo, eles estão sendo envolvidos emocionalmente. Nós podemos dizer que é nesse mundo que a criança pequena vive. Nós já falamos sobre a criança pequena e a fantasia, aí está a fonte da fantasia. O que você vê, o que você ouve e os movimentos que a língua faz agrupam-se num mesmo nervo. Esse é o nervo chamado trigêmeo. Esses movimentos são conduzidos a um centro emocional muito profundo dentro do cérebro. É conhecido como o sistema límbico. Normalmente, nós não nos damos conta de que quando olhamos alguma coisa, essa resposta emocional profunda acontece. Mas Rudolf Steiner falava de forças muito intimamente. Num comentário sobre euritmia, ele disse que teve que lutar contra Arimã para arrancar dele a euritmia. Se você tivesse que se orientar nesse silêncio com muita profundidade e falasse o seu nome para si

mesmo – fulano, beltrano – e se prestarem atenção como a sua língua está se movimentando na sua boca; se realmente prestarem atenção vão perceber que sua língua está fazendo euritmia.

Rudolf Steiner teve de extrair com luta a palavra que repousa em nós e o que há entre as palavras. Quando nós só fazemos blablablá quem domina esse processo é Árimã. Mas quando nós nos lembramos dos movimentos que usamos para formar palavras, aí estamos fazendo euritmia. O mesmo pode ser dito do que acontece com seus olhos.

Ontem eu dei uma tarefa de casa para vocês.

Essa tarefa era olhar para a imagem de ponta-cabeça e reparar se havia uma área de maior interesse. E quando nós olhamos um quadro de ponta-cabeça, olhamos a imagem de Árimã. Porque quando olhamos para uma imagem na posição normal pensamos que vemos tudo, mas não vemos tudo, nem sabemos o que vamos fazer. Se vocês querem criar admiração e espanto, vocês têm de criar as perguntas: é isso mesmo que eu estou vendo ou não é? Se vocês olharem a imagem de ponta-cabeça talvez haja uma área para a qual vocês se sentem atraídos. Prestem atenção onde essa área se situa. Daí, pouco a pouco, passem o quadro para a posição normal. Observem se aquela área ainda se apresenta interessante para vocês, ao colocarem a área mais forte da imagem no seu coração que está ligado aos olhos. Coloquem a imagem na posição normal e deixem seus olhos olharem brandamente para o quadro. Isso nós poderíamos chamar de olhar aberto. Esse é o modo pelo qual um artista olharia o que ele desejaria pintar. Também poderíamos chamar de olhar brando. Esse olhar suave ou aberto vê coisas que normalmente não veríamos. Se imaginar que a luz que vem do papel está entrando pelos seus olhos e tocando o seu coração isso tornaria tudo ainda mais forte. Isso é muito útil quando você vai olhar uma paisagem.

Vocês podem imaginar que os seus olhos e o seu coração estão recebendo a luz da paisagem, vocês podem caminhar através da paisagem e, de repente, verão áreas que parecem extremamente belas. Isso é quando os seus centros emocionais do cérebro estão encontrando empatia para aquilo que você está olhando. De modo que há uma grande quantidade de forças em seus olhos.

Observem ao olhar para uma sala lotada. Isto significa que estamos lidando com algo bastante real: essa força chamada a força do olhar. Às vezes, professores usam essa força de modo como se quisessem atirar algo. Portanto existe poder em nosso olhar. É preciso transformar esse poder do olhar para coisas, no sentido de olhar para as coisas. Eu faço isso tentando participar do ritmo daquela coisa que estou olhando. Eu quero que vocês olhem o entorno, nas proximidades onde naquele quadro há o interesse que vocês me contaram. Daí há um personagem que vocês escolheram. Trabalhem com ele, mas não deve ser o Cristo. Há um grande segredo nesse quadro. É que cada pessoa está lá

com seu movimento, com seu olhar, esta lá onde o Cristo está. Então eu queria que vocês escolhessem uma pessoa para trabalhar com ela e vejam se é difícil.

Vamos fazer um exercício que se chama esboçar no ar. Como formar uma guitarra no ar. Assim nós vamos desenhar no ar. De modo que para fazer isso vocês estão com o lápis na mão. E aí vocês imaginam como seria tentar esboçar aquela figura. Olhem para aquela figura humana e pensem que estão esboçando essa figura com o lápis. (Ele pede que se faça figuras humanas). O motivo de fazer esse movimento é para perceber um ritmo que se pareça com o ritmo daquela figura humana. Cada vez que você repete esse ritmo ele se torna um pouco mais claro, um pouco mais arredondado. E assim esse ritmo pode ser trazido para dentro de si e então não precisa mais fazer com a mão. O objetivo é captar o ritmo das linhas dessa figura e trazê-lo para dentro de si. Essa prática nos proporciona entrar nas forças vitais que Rembrandt usou para produzir essas figuras. Ele usou as suas forças de vida para produzir essas imagens. Nós estamos tentando usar essas imagens e trazer para dentro das nossas forças vitais. E com isso vocês poderão recordar, encontrar a imagem e seus gestos. Aí está a porta para realizar o A-B-C como nós falamos ontem e deve ser feito com os alunos.

A – sua família

B - realidade dos alunos

C - futuro do aluno

Eu vou demonstrar **A-B** de uma dessas figuras sem abordar o C agora. Vocês pensem em qual das figuras é que ele vai demonstrar a tarefa. Isso é uma imaginação. Olhando para a imagem, vocês podem me dizer quem é esse? Vocês podem realizar a imaginação de forma diferente. Eu vou representar a mesma imagem, mas os movimentos que eu farei correspondem à essa pessoa, à mesma figura. (ele fez gestos de movimentos para representar o personagem).

A mesma imagem, a mesma pessoa. Deu para ver a diferença? Isso nós chamamos de gesto de vida. É a soma pelo modo com qual a vida se move através de uma pessoa.

Eu fiz uma experiência: eu tinha uns trinta anos, era professor e ia todo dia para a escola com o carro, e estava estudando esse tipo de movimento. Eu ia de carro e no fim da minha rua havia grande movimento. Todos os dias eu via certo homem que passava por lá e o modo de ele andar parecia assim (andou). Aí eu dizia a mim mesmo: alguém está empurrando esse homem. Eu podia ver que havia uma força que era como uma carga sobre os seus ombros. Um dia ele veio com a esposa e aí eu vi quem estava empurrando (ele fez gestos e mandou o tradutor fazer o papel da esposa). É uma imagem muito clara. Isso são as forças dos gestos vitais. Isso entra pelos olhos o tempo todo. Então quando fazem os exercícios de treino de desenho no ar, vocês estão treinando ver os gestos vitais. Eu quero fazer AB para uma das figuras. B representa a figura como ela

está atuando. E a pergunta é: Quem é **A**? E quem é **C**? Na minha imaginação eu estava apenas andando e tinha uma bengala, é apenas um velho cansado e, à medida que estava andando cruzei com um grupo de pessoas. E nesse grupo tinha um homem parado, em pé, falando. Eu não entendi direito o que ele falava, mas era algo interessante naquele meu caminho diário que eu fazia. Mas essa imagem trazia aquela empatia, toda esse clima que através dos nossos olhos chegam ao nosso coração. Eu preciso preparar o meu coração para recebê-lo. Ou então apenas parar.

Essa maneira de enxergar é muito útil para o professor, porque **A** representa o que vem da família do seu aluno. **B** é o que estão fazendo nesse momento e **C** é a imaginação que evoca para onde tudo isso vai levar.

Para nos afastar desse padrão de comportamento e punição, nós temos que ser capazes de ampliar a nossa imaginação.

Para poder ampliar a minha imaginação eu preciso estimular as minhas forças de vida e as forças de vida são estimuladas pelo entusiasmo e pela simpatia.

Eu tenho que criar em mim o entusiasmo pelo mundo e eu faço isso participando do mundo com a minha imaginação. Se eu apenas participar do mundo com a minha memória eu perco o entusiasmo que está no mundo.

Esse é o maior pacto de Árimã.

E o objetivo das artes nas escolas Waldorf também é criar entusiasmo por meio da imaginação. Criar o entusiasmo por viver de modo imaginativo. Há muitos aspectos diferentes na questão da escola Waldorf. Não é apenas desenho, pintura e canções. Isso traz, em verdade, o que Rudolf Steiner chama de criar o órgão da cognição. Para o professor o órgão de cognição é a melhor ferramenta que poderia ter porque tira a pressão de preparar as aulas. Ele permite absorver novas forças através de seus sentidos. É um fato comprovado que o regente de orquestras sinfônicas vive mais tempo do que a média das pessoas. Todos os dias ele compartilha da alegria da imaginação da música. Esse trabalho que estamos fazendo aqui, que estou tentando compartilhar com vocês, é a chave para muitas coisas. E com outras pessoas que vocês escolherem, vamos fazer um exercício de respiração. Mas nós vamos inspirar com os nossos olhos.

Imaginem então uma força vindo do seu coração e indo até os seus olhos. Fechem os olhos. Deixem essa força sair dos seus olhos e somente começar a reconhecer essa figura. E ao sentir a força do seu olhar tocar o papel, tragam-na de volta para si e para o seu coração.

Agora ouçam o seu coração; e agora mais uma vez a respiração.

Agora voltem do coração para os olhos e depois, antes de voltar para o papel, tentem os movimentos que estavam desenvolvendo no ar e voltem. E agora mais uma respiração.

Tenham isso em seus corações, abram os olhos, impregnem a imagem e enviem isso como se um outro estivesse assumindo essa posição. Tentem sentir como se o seu corpo estivesse naquela posição e aí voltem e entrem novamente no seu coração.

Agora vocês repetem o processo; partem do seu coração, atravessam os seus olhos, vão até aquela figura e assumam a posição dela sentindo. E quando você sente que se tornou a figura, imagine que você se poria naquele lugar, abria aí os seus olhos e conversaria com aquela pessoa. Tentem imaginar aquilo que vocês teriam se estivessem naquela posição e, de lá, voltem ao cantinho do seu coração. (Pausa) Relaxem!

Rudolf Steiner usa com muita frequência a expressão respirar, mas ele usa no sentido mais amplo. Rudolf Steiner considerava o ver, ouvir, tatear e tocar como uma forma de respiração.

Ele incluía a formação do pensamento como uma forma de respiração.

Ele deu uma sequência para os médicos. É uma série que tem como objetivo transformar as forças da vida. A força vital mais fundamental de todas é respirar, respirar no sentido mais amplo. E para que seres humanos tenham mais forças eles precisam fazer algo como o respirar.

Rudolf Steiner diz que nós precisamos aquecer ou resfriar com o respirar, isso quer dizer que eu preciso voltar ao ‘enalmar’ (como falamos ontem), aos processos vitais que estão envolvidos na respiração e aos meus sentidos que estão conectados a isso. Olhando-se para essa imagem aí, apenas olha-se e ela está fria. Eu olho e está aí, sem atração esférica. Mas ao se trabalhar com ela como com os órgãos de cognição eu posso me centrar dentro dela. Eu posso sentir na minha própria alma alguns movimentos que essa figura pode ter feito na sua vida. Eu estou aquecendo a experiência sensorial. Dai o

Primeiro passo – respirar

Segundo passo – aquecer

Terceiro passo – nutrir

Isso acontece com todos os sentidos.

**A nutrição** – eu posso fazer isso, ela fazendo parte de mim. É isso que acontece quando sinto cheiro de café e a boca começa a salivar; meu corpo lindo começa a dizer: por favor, tirem Eu. Isso é aquecer e nutrir. De fato na nutrição a sua saliva é enzima digestiva.

**A respiração** – aquecimento – nutrição – está acontecendo o tempo todo com todos os sentidos. Então isso é o que nós estamos fazendo aqui com o olhar, podemos fazer com o ouvir, com o tato como professor de artesanato; enquanto você é professor de ciências, geografia ou música está aquecendo essa aula prática. O aquecer está para a cura. Nós estamos em grande perigo no mundo de hoje por causa de todo o tipo de desequilíbrios no calor, no aquecimento. A

vida interior das pessoas está tão fria que a atmosfera se torna realmente quente. Nós estamos conectados com a Terra.

Eu passarei depois todos esses exercícios novamente.

Estou apenas repassando cada passo que nós fizemos até agora. Cada passo que nós fizemos para reconhecer. Fizemos um pequeno passo a mais no sentido de despertar no outro e a chave para fazer isso ritmicamente de modo que você não se assuste; pode acontecer que ao longo do exercício você chegue a determinado ponto e perceba que você não pode ir adiante, você chega numa fronteira, num limite e se você sabe onde o limite se encontra pode trabalhar com ele. E à medida que você pratica, pode atravessar o limite do assombro, medo de sentir a harmonia, a entrega. Também isso é um processo respiratório.

Passa-se por – Admiração

– Assombro

– Harmonia e

– Entrega

É muito importante estar consciente em cada passo

O que eu fiz com vocês foi estabelecer um suado limite para frente e para trás, e manter a sua respiração intacta o tempo todo até o ponto aonde você realmente chega ao limite de imaginar o que é que aquela pessoa estava vendo.

E se agora vocês vão para casa e lhes perguntarem: “o que vocês fizeram no workshop?” – Bem, eu me tornei uma figura dentro do quadro e via as pessoas em volta de mim no quadro. O outro vai dizer: “você pagou para fazer isso?”

Mas o que eu espero é que vocês possam ter experimentado, no ritmo, que vocês estavam presentes. E isso é muito, muito importante. Isso é a proteção que você precisa e precisa estar disponível para você, para que você possa se entregar. Sem essa proteção você precisaria e precisa de um limite onde você estaria bloqueado por você mesmo. Você precisa sempre estar no limite com você, consigo mesmo.

Ouvir é uma coisa que nos permite aceitar o outro. O ouvir é fundamental e saudável para si mesmo. Se eu despertar dentro do outro e, de repente, eu não sou mais eu mesmo, isso me causa muito sofrimento. Então, ser capaz de encontrar-se num outro também é encontrar o eu na própria alma. Eu tenho de determinar quanto risco eu posso assumir nesse processo de me tornar o outro, ao ponto de poder me dar o luxo de me doar: isso sim ou isso não. Se você se envolve, isso pode se tornar um grande recurso para inibir os inimigos. Entendo como inimigo, por exemplo, um pai de sua classe que começa a falar de você, que começa a falar para os outros pais coisas como “que professor é aquele?”. Como você lidará com isso? Se você trabalha com o ritmo você pode ter forças para isso; por meio do ritmo é possível até chegar a se perguntar “como seria ser aquela pessoa?”.

Mas é bastante assustador, porque nós sabemos que essa pessoa quer fazer mal para nós. Isso se chama orar pelo inimigo e é o único modo de obter a paz. Mas isso tem de ser feito com autenticidade, caso contrário só piora. Se nós pegamos esse processo e aplicamos a alguma pessoa, precisamos ser muito cuidadosos na formação do ritmo. Então vem do meu coração apenas a aparência exterior daquela pessoa que se moveria. Eu chego ao coração e chego a imaginar um pouco como essa pessoa se move. E aí eu vejo o meu coração e chega a mim não apenas como essa pessoa se moveria, mas como é sentir-se movendo daquele modo. Aí eu venho no meu coração, e vou até lá e imagino como seria mover-se daquele modo e de fato eu me novo dentro daquele modo. Todas as vezes, eu volto ao meu coração, e ouço o que ele diz. Eu tenho um inimigo e pode acontecer eu chegar num daqueles pontos e estar realmente enfurecido. Aí eu pergunto: De quem é essa tarefa - é a minha ou é a dele? Ou isso é um carma?

Se aí existe um carma, é muito mais fácil curar.

E existe um velho dito dos índios norte-americanos: a adversidade não fere o espírito; a adversidade fortalece o espírito; adversidade amola o espírito.

Decerto, dá medo de fazer as coisas. Porque você vai querer fazer uma coisa e lá dentro vai fazer nhenhenhen. Quando vocês querem fazer alguma coisa para uma pessoa que esteve com dificuldades, encontrará a fronteira, o limite. Pois é muito útil exercitar-se antes nos quadros. Isso permite desenvolver forças antes de entrar no palco. É isso que nós estamos fazendo com o exercício. Esse é apenas um exercício prático antes de ir para outro. Isso é um grande presente da pedagogia Waldorf. Isso é um lado desse trabalho.

O outro lado é que quando eu trabalho a minha imaginação desse modo eu acabo entrando no meu próprio sofrimento. O grande sofrimento de uma pessoa é uma coisa que eu preferia evitar. Mas se eu olhar para o sofrimento a partir do mundo espiritual, do alto, o meu sofrimento é um presente. Isso soa bastante estranho quando o ouço pela primeira vez. Mas isso faz sentido no trabalho se você realmente for capaz de começar a olhar o inimigo, se assumir imaginar relacionamentos e sentimentos que a pessoa tem, começa a ver o quanto vocês estão conectados. No começo você pensa - isso não pode ser-. Isso realmente é um cravo no meu sapato. Mas você acaba vendo que o problema que essa pessoa tem com você é o problema que você mesmo tem com você. E você ficará realmente furioso porque estão mostrando para os outros. Porque você pensava que estava tudo escondido em você, atrás da porta. Na verdade, é o seu anjo que está recrutando aquela pessoa para lhe ajudar a tornar-se uma pessoa melhor e se você fica nessa imaginação você começa a ter compaixão pelo fato de essa pessoa estar agindo desse modo tão pequeno. Quando você chega a esse ponto, você obtém uma força de cura para poder ter compaixão com o problema dessa pessoa.



O objetivo do sofrimento do ser humano é que você chegue a ter compaixão.

– É o ensinamento da cura.

Então, quando estamos trabalhando imaginação desse modo, encontramos o limite e o trabalho a ser realizado.

Rudolf Steiner disse que no mundo espiritual não existe certo ou errado, mas existe saúde e doença. É apenas a ignorância da verdade. Isso não significa que somos ignorantes, significa apenas que não entendemos por que temos determinados problemas. Então as pessoas que estão nesse quadro estão vindo até Cristo para tentar resolver o dilema da sua ignorância.

Nos evangelhos, Cristo nunca curou dizendo – “eu vou curar você”. Ele nunca fez uma afirmação, sempre fez uma pergunta. Ele dizia: “Você crê que pode ser curado?” Se ele sentisse que a pessoa acreditava que seria curada, ele dizia: “Meu Pai do céu, cure! Tome o seu leito, ande e não peques mais!” Nessas palavras – “Pecado, eu te curo” – não há mais a presença de Deus. Estar sem Deus – fora de Deus – isso é pecado. Não significa que nós somos maus. Mas perdemos o senso de estar conectado com tudo. Cristo dizia: “você crê, pode ser curado. É meu pai no céu que cura”.

Esotericamente, de acordo com Steiner, “pai que cura” significa natureza. A tua própria natureza te curará. Toma a tua cama e caminha. E tem de estar novo na presença de Deus. Não é “eu te curo”, mas sim, você crê que pode ser curado? É uma pergunta. A maior força vem de perguntas como essas. Todas as pessoas nesta imagem vieram procurar alguma coisa. Vamos chamar a isso de **A**.

Daí encontram o Cristo. E Cristo lhes faz a pergunta – “você acredita que pode ser curado?” – chamaria a essa da parte de **B**.

E vamos chamar de **C** essa: “Toma o teu leito e anda, e não peques mais”.

O que vamos fazer agora é imaginar que você é aquela pessoa e escrevo uma pequena história para **ABC**.

**A** – o que trouxe a pessoa?

**B** – como ela vai responder à pergunta feita por Cristo?

**C** – o que é que precisa ser mudado na vida dela para ser curada?

Fazer uma pequena biografia da pessoa com esses passos **ABC**.

Por favor, façam isso agora.

Eu quero que meditem no seguinte: em que medida a história que vocês escreveram têm elementos da sua própria biografia.

Parece ser impossível produzir uma peça sem entrar no meio. Nós fazemos coisas assim, nós criamos e colocamos no mundo um reflexo do que nós somos. Não é diferente da ação de Deus-Pai criando o universo, dá para ver o Deus-Pai com o mundo das hierarquias. Essa reflexão entre Deus e as Hierarquias, a Trindade e as Hierarquias, isso é uma respiração.

E para terminar esse trabalho amanhã nós vamos fazer um exercício chamado “anjos num bar de solteiros”.

É um exercício.

O trabalho que nós estamos fazendo aqui é parte do curso que eu dou no College Rudolf Steiner, em Sacramento. E nós chamamos essa formação de “escola para adultos”.

No primeiro período, todas as manhãs, fazemos trabalho meditativo. No segundo período, nós trabalhamos com a ciência natural de Goethe e, no terceiro período, nós fazemos um trabalho artístico baseado no pensamento simbólico alquímico.

E se alguém tiver tempo e está com vontade de tirar um mês para ficar lá é ótimo, e se vocês conhecem os jovens que estão procurando o caminho para o mundo, também, pois nós temos muito jovens que vão fazer esse curso lá.

## **Anjos no bar dos solteiros**

É um ritual que acontece no bar dos solteiros. Você encontra **B**, o **C** dá um papelzinho para você. E você coloca seu nome, telefones, signo.

Rudolf Steiner disse que os anjos estão muito interessados nos movimentos das nossas mãos quando escrevemos.

Então, vamos trabalhar em duplas, com um dos parceiros que vocês escolheram. Um é o anjo e o outro é o parceiro que vai acompanhar o que vocês estão escrevendo. Depois troca de lugar; um é o anjo, o outro é a pessoa. A pessoa que está escrevendo a história tem elementos da sua própria biografia. Nós sabemos que é impossível escrever uma peça sem ter elementos de sua biografia. Nós fazemos muito disso para criar reflexos de quem nós somos. Não é diferente do Deus pai criando o universo. Dá para dizer que é solidário com as Hierarquias. Esse trabalho de Deus e as Hierarquias é uma respiração.

– Anjos, levantem as mãos. Mais tarde vão trocar, e agora:

Anjos, vocês são os anjos da guarda dessas pessoas. A pessoa vai entrar no bar dos solteiros. Anjo, você pode educar a sua pessoa com a pessoa que ele está encontrando. Aí você pode ver o que acontece lá. Mas você está interessado naquilo que eles fazem com a mão.

A pessoa diz: “escreva o seu nome, seu telefone e o seu signo”.

Então faça como se alguém tivesse pedido para você fazer isso, e escreva esses dados.

O anjo fica olhando a minha mão.

Isso. Agora é a pessoa **B**.

Os anjos vão tentar sentir na sua angélica mão os movimentos que estão fazendo ao escrever o seu nome e etc. Então as pessoas escrevem e os anjos observam.

E a pessoa vai mais uma vez escrever seu nome, telefone, signo. O anjo vai tentar sentir como seria.

Agora a pessoa que está fornecendo os dados dirá o seu nome, telefone e seu signo. O outro vai tentar sentir de onde vem a voz: da garganta, da cabeça, de onde vem a voz?

Agora vamos trocar os personagens.

Então, anjos, observem as mãos ao escrever e sintam como seria fazendo esse movimento com a sua mão angelical.

Outro escreve o mesmo.

Agora você está com a folha de papel da outra pessoa. Vocês vão olhar a escrita da pessoa. O que eu quero que vocês captem nessa escrita é como uma curva é traçada, o que é característico e como se repete.

Repetindo: primeiro vocês descobrem o que é característico na escrita daquela pessoa.

Vocês mesmos tentarão fazer aquela curva que é característica em três ou quatro lugares. Aí façam um retângulo e desenhem aquela curva naquele retângulo.

Agora, esbocem aquela curva no ar de modo que ela penetre no seu corpo vital. Façam-no de modo a sentir essa curva. De modo que a sensação dessa curva penetre em nossas forças de vida.

Agora troquem novamente as pessoas:

Quem vai ser o observador, e quem o modelo?

**A** vai observar a orelha de **B**. Busquem encontrar a curva da orelha. Olhem até que encontre a curva da orelha. Olhem também para o nariz e o queixo e descubram as semelhanças das curvas.

Buscar esse padrão e levar tudo para o coração.

Por favor, escutem internamente a si mesmos. Quero que se recordem dos movimentos que a pessoa fez ao escrever. Sentir a tensão da mão da pessoa quando escrevia. – sintam em si o esforço ao formar a voz; recolha para si a imagem da orelha da pessoa, as curvas dos traços do rosto; depois leve as curvas da escrita para o seu coração. Deixem esses sentimentos no seu coração e daí ouçam as batidas do seu coração – com as orelhas também.

Quando abrirem os olhos eu quero ver se conseguem ver como ela era quando criança pequena. Podem abrir os olhos.

Então podemos imaginar. De modo que para os anjos não há passagem segura; estar no momento é a tarefa do professor, é ser capaz de trazer que tipo de visão é necessário para enxergar as crianças. Então, a preparação que eu

trouxe para vocês não é sobre o currículo; se vocês usarem a imaginação, vocês não vão precisar de um currículo, vocês serão um currículo. O currículo surgirá, emergirá dos seus estudantes. O objetivo do professor é mais aprender com os alunos do que dar a eles o que ele tem.

## Palestra da tarde

### Respostas

**Houve uma série de perguntas em torno de uma mesma questão:**

#### ■ Carma das Américas

Isso inclui a América do Norte e a do Sul, o que poderíamos chamar de Novo Mundo.

Anos atrás, quando viajei pelo México, eu fiz uma pesquisa sobre aquilo que é chamado de “Igreja Índia”. Essa expressão, “Igreja Índia”, é um termo que surgia na época da colonização, na época dos assentamentos na América Central. E a razão para isso é que a Santa Sé entendeu que as descobertas do Novo Mundo tinham a ver com a virada das páginas do apocalipse. Houve uma série de sinais, houve uma grande estrela que apareceu no século XVII e as pessoas determinaram tratar-se de uma nova era.

Aqui havia um comércio regular entre América do Sul e a Europa. E o Vaticano entendeu que a América Central deveria ser um lugar de grande importância. A igreja deveria perceber o sangue novo e esse sangue novo teria a sua origem na população da América Central. E aconteceu que, naquela mesma época, surgiu uma profecia na América Central. Ela dizia que chegaria um ser para a América Central e traria uma nova era de paz. Esse ser era conhecido como “o irmão mais velho”. Esse ser mais velho viria para reensinar o povo a viver em paz. Essa região seria onde hoje é o México, ou seja, havia a espera de um salvador na área do México, o qual seria uma reencarnação de Tetzal Quartel. Esse Tetzal Quartel é a estrela da manhã e isso era esperado nas terras de Montezuma, e por outro lado, no Vaticano, do outro lado do mar, tinha uma expectativa de que eles fossem bem recebidos. Há um carma muito estranho

nessa relação, estranho porque o irmão mais velho era descrito com pele clara, cabelo vermelho, ruivo. Ele teria um corpo brilhante e seria muito poderoso. Pois Pizarro tinha pele clara e era ruivo e quando ele aportou no México com seus enormes navios havia grandes nuvens brancas sobre ele. Cavalgou com a sua armadura brilhante para se encontrar com Montezuma e causou uma impressão incrível. E Montezuma interpretou que ali estava a reencarnação de Tetzal Quartel, o irmão mais velho. Entre eles havia um segredo de um aperto de mão como ritual. Então, tinha essa imagem do irmão mais velho, conhecido por Tetzal Quartel, e o aperto de mão.

Isso seria o toque de reconhecimento do Salvador. Então, Montezuma chegou com todos os seus sacerdotes e estendeu a mão ao Salvador, em um gesto ritualístico.

Pizarro desceu do seu cavalo para receber Montezuma e pensou que ele estava pedindo uma esmola e ordenou a seu súdito colocar uma moeda de ouro na mão de Montezuma.

Este não sabia que Montezuma estava sentado sobre um “el Dourado”, que tinha mais ouro do que deuses. Montezuma olhou para aquela moeda de ouro e percebeu que aí havia um grande erro. Mas a essas alturas a notícia estava alardeada, já haviam espalhado a notícia do Grande Salvador e a cidade já estava escancarada para o inimigo. Aí começou a grande trilha das lágrimas para o povo indígena. Foi a mesma coisa como aqui: as doenças, a varíola, os vírus e a depressão econômica.

Isso faz parte do carma da América do Norte e da América do sul. E estranho é que a Santa Sé não entendeu o grande mistério. Entendeu que o Novo Mundo seria o último livro do Apocalipse de João.

### *Santuário da Santa Mãe*

Tem a ver com esse último capítulo do Apocalipse que fala de uma igreja Mariana. Ou seja, a Igreja da Santíssima que deveria ser uma igreja Mariana, a fé do Novo Mundo deveria ser levada pelo grande feminino. Assim, quando Pizarro chegou e começou a espalhar a destruição entre os indígenas, foi uma grande tragédia e um grande carma, mas o carma do presente sempre atuando. Num prazo de uma década aconteceu o milagre na cidade do México. Havia um santuário fora da cidade dedicado à mãe de Tetzal Quartel. Naquela época, acreditava-se que Tetzal Quartel provinha de um nascimento virginal. Estava caminhando um homem pelo santuário da Santa Mãe e ele teve a experiência de ouvir uma mãe falar com ele. “Eu quero construir uma igreja neste lugar”. Como o homem era um camponês disse: “Eu acho que não sou capaz de fazer isso”. A mulher disse que ele tinha de ir até o bispo e dizer ao bispo que ele

construiria uma igreja. O bispo o mandou à polícia. A polícia o mandou ao governo. O governo o mandou embora. Ele voltou e disse à mulher que o governo o mandara embora.

E ela disse: “Eu quero uma igreja nesse lugar, volte a falar com o governo”. Ele foi novamente para o palácio do governo e lhe disseram os mesmo. Ele se levantou e disse: “Grande Mãe, eu não tenho como fazer isso”. E ela responde: “Então vai até o bispo, segure a sua capa, e eu vou dar um jeito nisso”. Era no meio do inverno. Ele foi falar com o bispo e esperou no lado de fora. O bispo falou: “Fala, qual o problema? O que é agora?” Então, quando abriu a capa jogaram fósforo para ele e na sua capa ficou a imagem da Nossa Senhora de Guadalupe. E assim ele acreditou e a igreja foi construída. Essa igreja é a grande catedral da cidade do México, a Catedral de Guadalupe. Na cidade do México tem o templo do deus da chuva, Shok. O templo de Shok é justamente ao lado da catedral. Esse deus Shok é o que recebia o coração e as vísceras das vítimas sacrificadas.

Assim que começaram a perfurar o templo de Shok a catedral começou a afundar.

Essa é a situação que existe nas Américas.

Não é culpa de ninguém, mas existe um monte de coisas acontecendo. A tensão norte-sul remonta à cultura indígena. Vivemos apenas uma cultura moderna ou, de algum modo, trazemos as duas culturas marianas.

Cultura Mariana quer dizer que eu não me apóio tanto no meu intelecto, mas me assento mais na imaginação cristã. O Grande poeta Goethe chamou essa qualidade do “eterno feminino” e isso não tem nada a ver com ser o homem ou ser mulher. É simplesmente ter a capacidade de mudar o modo que se pensa dentro de si.

Rudolf Steiner diz: “Cristo já realizou o ato pela Terra”. Nós não temos de ser como Cristo, não é necessário, porque ele já realizou a sua tarefa. Rudolf Steiner diz: “nós temos de ser como Isis. Nós temos de ser como Isis e buscar onde Osiris foi enterrado. Nós temos de buscar o Cristo que foi enterrado, nós temos de buscar o Cristo que foi cortado em pedacinhos e enfiado na terra; e enterrado em pedaços. Para mim esse é o carma das Américas. Há mais terras selvagens na América do que em outros lugares. Mas o selvagem da Terra é uma coisa que vem do passado e está por trás. E ao mesmo tempo, nas Américas existem mais cidades onde as pessoas estão amontoadas em espaços mínimos do que em qualquer outro lugar do planeta. Esse é o presente. De qualquer modo há uma relação diferente com a natureza. Há uma relação diferente com a arte. Nós estamos sendo chamados a buscar o Cristo na Terra.

Uma vez, um homem que era o secretário-geral da sociedade antroposófica, e que veio para Sacramento, disse em uma palestra que a tarefa das Américas era

redimir a Lemúria. O modo como ele descreveu foi o seguinte: na Lemúria havia uma consciência feminina, a consciência dominante era feminina, digamos que era um matriarcado. Mas ao mesmo tempo, os homens praticavam magias. Eles praticavam magia ligada ao tempo, ao clima. Eles conseguiam fazer chover, mas não sabiam fazer parar a chuva. Isso fez com que a Lemúria afundasse. Sabiam resolver todos os problemas do campo climático. No final da palestra, disse uma coisa bem enigmática, quase chocante. Agora na América nós temos de trabalhar para redimir o que aconteceu na Lemúria, porque nós estamos recapitulando aqui, é bem pesado. O carma das Américas é um carma muito antigo e tem a ver com o clima mundial. Tem a ver com culturas indígenas, culturas nativas e volvê-las a outro domínio, envolve coisas sagradas e com o governo. Mas fica-se desencorajado porque o governo não entende de coisas sagradas.

Na minha vida, ao fazer as coisas que eu faço, às vezes eu sou mal-entendido por alguns antropósofos. Toda vez que tive problema com um antropósofo foi possível me curar com as obras de Rudolf Steiner. A obra de Rudolf Steiner não foi para o seu tempo, mas para muita gente do futuro. E nessas ações com outros antropósofos, mesmo nas situações mais difíceis, eu sabia que por trás de tudo tem o trabalho desses grandes escritos.

Um dos grandes fatos do mundo é que as iniciativas só acontecem por meio dos indivíduos. Alguém tem uma ideia e isso tem de acontecer. Com certeza traz a ideia para uma comissão e nada acontece. Então compartilhar como numa grande família acaba não sendo produtivo. Como já disse outro dia – *ponha você em ordem, ponha a sua família em ordem, ponha o seu país em ordem, nessa ordem!*

Se você faz o trabalho interior, você é ajudado pelo mundo espiritual para falar com o governo; e se você trabalha o seu interior, mesmo que se desentenda com algum antropósofo – porque, afinal, trabalhamos com a antroposofia – seremos capazes de colaborar no seu impulso. O pensar antroposófico não é apenas para antropósofos. Tem muita gente que pensa assim e é capaz de resolver, de colaborar. Se você faz o seu trabalho interior você encontrará alguém que entenda o seu impulso mesmo que não entenda a linguagem. Você terá de guiar essas pessoas fazendo a relação do seu anjo com o anjo delas.

Se vocês não fazem o trabalho interior, o anjo se torna impotente por que o anjo tem um voto – jamais violar a tua liberdade – e nunca forçar a fazer alguma coisa por si. Ele tem uma incrível capacidade de esperar. Você pede e ele realiza na prática.

Você faz a pergunta mantendo a imagem, representações, permitindo que o anjo trabalhe, e entreteça isso. Quando você começa a sentir o ritmo daquilo que tece, porque as pessoas respiram, você começará a sentir o mundo espiritual para trabalhar as cognições.

Quando vocês estão fazendo isso, então vocês começam a fazer experiências, e estão colaborando com as forças superiores. E se dependesse de vocês nenhuma dessas oportunidades apareceria. Quando vocês fizerem o trabalho interior, vocês ganharão força para realizar o que Rudolf Steiner chamava de “o maior ato de amor”. Isto é, durante a grande miséria moral nós devemos desenvolver a capacidade de perceber a ajuda sempre presente do mundo espiritual.